

ILUSTRAÇÃO



As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos
conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA À LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**A RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
5—2.ª parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRES RUSSOS E TRES INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.ª parte—*América do Sul*. 1 vol.
10—2.ª parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
11—3.ª parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LEGUAS SUBMARI-
NAS:**
- 12—1.ª parte—*O homem das águas*. 1 vol.
13—2.ª parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.ª parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
15—2.ª parte—*O abandonado*. 1 vol.
16—3.ª parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.ª parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
18—2.ª parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.ª parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
20—2.ª parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS ÍNDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.ª parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
27—2.ª parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**. 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE
BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINES
NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.ª parte—*A chama errante*. 1 vol.
32—2.ª parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.ª parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
34—2.ª parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS
GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 1.º vol.
36—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 2.º vol.
37—2.ª parte—*Os navegadores do século
XVIII*. 1.º vol.
38—2.ª parte—*Os navegadores do século
XVIII*. 2.º vol.
39—3.ª parte—*Os exploradores do século
XIX*. 1.º vol.
40—3.ª parte—*Os exploradores do século
XIX*. 2.º vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**,
1 vol.
- 42—**O RAIO VERDE**, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari*.
44—2.ª parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO**,
1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.ª parte—*O pombo correio*. 1 vol.
48—2.ª parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
49—3.ª parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**,
1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA
N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**,
1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.ª parte—*O ódio de Texas*. 1 vol.
54—2.ª parte—*Justiça!* 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FERIAS:**
- 56—1.ª parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
57—2.ª parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.ª parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
59—2.ª parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CÉSAR CASCABEL:**
- 61—1.ª parte—*A despedida do novo conti-
nente*. 1 vol.
62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo*.
1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRA-
NICAN:**
- 63—1.ª parte—*A procura dos naufragos*.
1 vol.
64—2.ª parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**,
1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HELICE:**
- 67—1.ª parte—*A cidade dos bilhões*. 1 vol.
68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais*.
1 vol.
71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**,
1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.ª parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
74—2.ª parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**,
1.º vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**,
2.º vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**,
1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

Acaba de sair

A 4.^a EDIÇÃO

Terras do Demo

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 332 págs., brochado . . . 12\$00

Encadernado 16\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LSBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na Imprensa PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 20 - Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Porquê?

Feliz, satisfeito, porquê?
Ele lá sabe
E nós também. É que ex-
perimentou a Cafiaspirina e
ficou com a certeza de ter
sempre à mão um remédio
verdadeiramente eficaz para
quando sinta qualquer dor.

Um bom conselho:
— Façam o mesmol

Cafiaspirina



O PRODUTO DE CONFIANÇA

Como se faz fortuna

POR

SILVAIN ROUDÉS

Um livro oportuníssimo, na época
presente, em que a febre de enri-
quecer se faz sentir mais do que
nunca

1 vol. de 264 pags., br. 8\$00

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 - LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS

A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz tambem plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artisticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGENCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMÉSTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILLUMINAÇÃO E CALBEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOUCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICORIEIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COURO E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E DOCARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS — HORTICULTURA — VETERINÁRIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Mil e um Segredos de Oficinas

Seguidos das tabelas de M. Exupère

para a

Conversão de quilates em milésimos

por

MARCEL BOURDAIS

Tradução de

CARLOS CALHEIROS

Obra indispensável a todos os que se ocupam de reparações nas oficinas e a quem interessa conhecer as diferentes receitas e segredos para a *douradura, praleadura, niquelagem, bronzagem, envernizamento, ligas, limpeza das joias, objectos de arte, e para qualquer operação de joalharia, ourivesaria, relojoaria, instrumentos de óptica, aparelhos de electricidade, armas, velocipedes, etc., e também para quem pretender organizar uma pequena indústria fácil e barata*

1 volume de 300 páginas, brochado 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda em todas as boas livrarias

A 7.ª EDIÇÃO, REVISTA

O último olhar de Jesus

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

1 volume de 375 páginas { brochado 12\$00
encadernado 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Saíu a nova edição

CARTAS

de

ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado 20\$00
Encadernado 28\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

A C. P.

previne que ficou esgotada a lotação dos

I e II Expressos Populares
e que o **III** irá em 20 de Agosto à

FIGUEIRA DA FOZ

(a praia da claridade)

Ida e Volta. **30 escudos**
em combóio rápido, directo e com uma só classe.

C. P. — Estação do Rossio
ou Tráfego — Tel. 2 4031



ideal ao deitar-se!

À hora de ir para a cama, quando há apetite, tome um pouco de Kellogg's Corn Flakes com leite frio ou quente. Junte-lhe açúcar se assim desejar. É um acípite fácil de digerir e convidativo a um sono reparador. Muito preferível a qualquer outro alimento de difícil digestão que o conservará acordado. As crianças tanto gostam de Kellogg's para a ceia, como para o almoço e lunch. Não é preciso cozinhar. À venda nos bons estabelecimentos no pacote



**VERDE
E VERMELHO**

Kellogg's CORN FLAKES

AGENTES E DEPOSITARIOS EM PORTUGAL:
FIGUEIRA & ALMEIDA — Rua da Madalena, 88-Lisboa

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em tôdas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.
- N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
- N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
- N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
- N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
- N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
- N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
- N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
- N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
- N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**

Os dois dicionários juntos, enc. **28\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
R. Garrett, 73, 75 — LISBOA

O MESTRE POPULAR OU O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de tôdas as inteligências e de tôdas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

JULIO DANTAS

ARTE DE AMAR

13.º e 14.º milhar

1 vol. de 226 pág., broc. 10\$00
Enc. 15\$00

A' venda em todas as livrarias

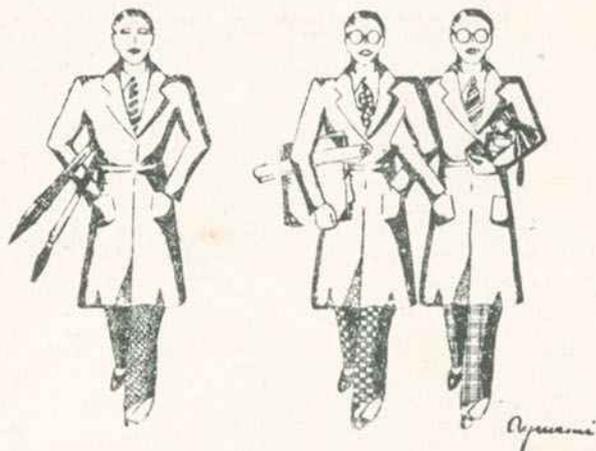
Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80
LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE **BERTRAND**
21308 **IRMÃOS, L. DA**
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Acaba de sair

A 6.^a EDIÇÃO

Jornadas em Portugal

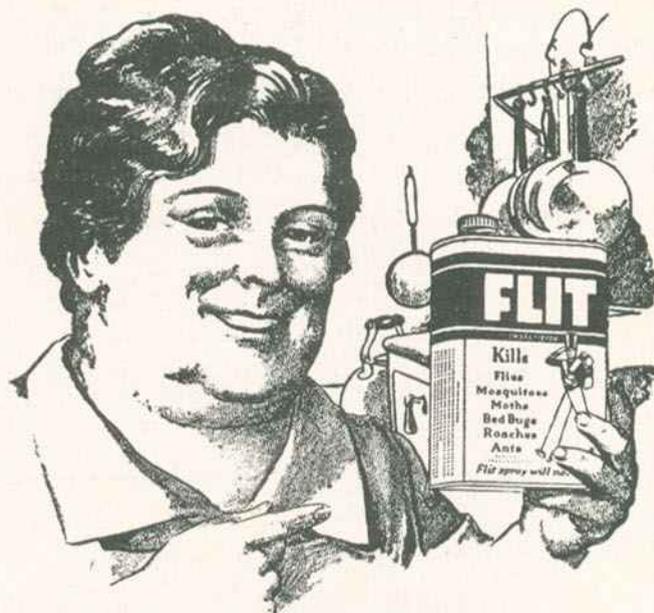
por ANTERO DE FIGUEIREDO

“JORNADAS EM PORTUGAL”:
— não pôde haver livro mais sacro da
terra portuguesa, escrito com mais
linda e rica linguagem do que este.

EDUARDO SCHWALBACH.

1 vol. de 404 pág. brochado **12\$00**
encadernado **16\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Só **FLIT**
me convem...

As nojentas moscas deixarão de es-
tragar os alimentos que eu preparei!

Liberte totalmente a sua casa dos zum-
bidos de insectos e livre-se das suas mor-
deduras — as nojentas moscas infectam os
seus alimentos e os mosquitos são o vehi-
culo da transmissão de febres, por meio
dos seus incómodos ferrões. FLIT vapori-
sado, matará todos os insectos, rápida-
mente e sem perigo nem para si
nem para os seus animais de estima-
ção. FLIT é vendido **unicamente** nas latas
amarelas **seladas**, com o soldado e a barra
preta, e nunca de outra forma.



C27



Representantes Exclusivos para Portugal, Ilhas e Colónias
ESTABELECIMENTOS JERONIMO MARTINS & FILHO
13, Rua Garrett, 23 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

;; **ENCADERNADOR - DOURADOR** ;;

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposi-
ções a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE**
HONRA na exposição da Caixa Económica Operária
e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS
OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

Crónica da Quinzena

NAQUELE tempo o verbo fêz-se carne e, neste de agora, o sonho poético fêz-se realidade. Ao contemplar os corpos vivos que materializam imagens concebidas pela fantasia, apetece dizer que o génio criou porque do nada extrafu alguma coisa.

Na primeira semana dêste mês correu no céu de Lisboa a Cavalgada das Valkírias, majestosa, estridente, bela, tal qual a imaginou o artista. Safu das núvens, súbita, sem se perceber se eram elas próprias que tomaram forma e se animaram, em vultos graciosos, cintilantes como os dos deuses.

Estes olhos viram-os chegar, primeiro três, depois mais, e ainda mais, do alto da Torre de Belém, que é para todo o sempre a Sentinela da Epopeia, prove-nham os heróis de lusos, ou de itálos, uns e outros confundidos no dulcíssimo nome de latinos. Iguamente amamentados pelo leite místico da Loba do Capitólio, pouco importa dizer Gama, Balbo, Cabral, Coutinho; a alma, o sangue e até o nome não diferem.

As onze quimeras humanizadas, transfiguradas, picaram direitas aquele ponto, impelidas por destino misterioso. E as pedras, quando elas apareceram, vibraram de modo peculiar.

Ninguém conheceu o som que pareceu estranho, longínquo, talvez harmónico com o produzido nas caravelas outrora ali ancoradas no regresso da Índia.

Houve um momento em que foi preciso fincar os pés e apoiar as mãos às guaritas, tal a ilusão de que as ameias se transformavam em asas e também a torre ia voar para meter-se no cortejo magnífico.

Seguíam em fita pelo ar, desafiando um rumorejo que tanto podia lembrar o aplauso de multidão próxima, como a voz distante de conquistadores que ali pou-saram. Entretanto o céu descia para mirar mais de perto, e o Tejo desassosse-gava a querer subir até aos corpos esbel-tos, fugidios, que pela primeira vez, em

chusma, lhe projectavam a sombra no dorso lusente.

E assim foi que se tornou sensível, a quantos o presenciaram, a grandeza do acontecimento que perpassara em me-teoro pelo horizonte de Lisboa.

Contam-se por poucos os felizes habilitados a dizer que contemplaram do lugar próprio uma das chegadas memo-ráveis de navegadores.

A Torre Sagrada esteve quasi deserta em momento tão singular. Raros senti-raram a voz do sangue chamando-os ali. Também pode ser que do esquicimento caiba a culpa à geração nefasta que no século passado cometeu o crime de des-honrar aquele lugar santo de Portugal, cercando-o de imundícies.

Mãos sacrílegas apartaram o padrão maravilhoso da vista do transeunte, por isso ele não corre a usá-lo nas horas so-lesnes, em que seria oportuno transformá-lo em templo para consagrar façanhas de escolhidos.

Se soubessemos respeitar o passado e aproveitar o que possuímos de valioso, com alto sentido nacional, poderíamos ter feito ali a espera solene dos aeronau-tas da grande viagem. Seria nobre o espectáculo, significativo, e no fim útil à propaganda do país, se próximo se fizesse a descida da esquadilha e na própria torre se dessem as boas-vindas aos viajantes. Melhor sala de visitas não se encontraria em todo o mundo para ce-lebrar o acto de recepção, quasi o termi-nal de um facto histórico a contar não só no registo italiano como da humani-dade. Memoremos que é a primeira fila, ou regimento aéreo que executa uma travessia daquela envergadura. Há que referi-lo como documento tangível da era já iniciada em que o colectivo orga-nizado primará sobre o individual anár-quico.

Com todas as responsabilidades, e agora com todas as honras, foi a Itália que partiu a dar prova decisiva de quanto vale um povo unido por ideal comum.

Não foi Balbo, nem qualquer dos com-

panheiros que jogaram o nome em busca da glória.

Heróis todos eles, nenhum andou em nome pessoal, porque se arriscaram em massa pela grei italiana, única senhora da vitória.

O acto de fé que se praticou, e o êxito que acaba de coroá-lo, marca não só o triunfo de uma política nacional, como atesta o valor de uma ideia mestra de sociedade que a inteligência tem de considerar entre as suas grandes aquisições. O transcendente da prova está em que através dela o fascismo fica apresentado como método universal, com as reacções à vista para serem estudadas por quantos sintam curiosidade mental e queiram conhecê-lo nas causas e efeitos.

Experimentaram-se todas as qualidades nobres da natureza humana. Ciência, coragem, vigor físico, resistência moral, entraram na mais alta potência para conseguir o resultado que temos diante de nós. Com os recursos singulares de qualquer entidade, por maior que fosse dentro de um país, não se obteria nada de comparável. Só uma nação inteira, organizada, em estreita colaboração de vontades, em perfeita comunhão de almas conseguiria arrancar de si este esforço potente, disciplinado, uniforme e fiel ao comando, donde procede o fenómeno que neste momento se conta único no mundo.

Com o prestígio da Itália, há muito entrado em movimento ascensional, deve exultar a alma latina, a raça mediter-rânea que uma falsa ciência da étnica pretendeu riscar da vanguarda da civi-lização e do espírito.

Confiemos em que a grande corrida do Atlântico fique como marco de um ins-tante, a partir do qual ninguém duvi-dará da persistência do facho de Prometeu na mão que o criou.

Bendita seja a boa Madre Romana que o detém para de novo se entregar, como outrora, à construção do direito do ci-vismo, da política e da beleza.

O problema é de todos os países e creio que já deve ter sido debatido nos de literatura mais vasta que a nossa, onde freqüentemente aparecem editados *post-mortem* escritos inéditos de homens de letras ilustres. Em Portugal não existe uma opinião pública a tal respeito, nem será fácil criá-la, dada a indiferença das massas populares, em maioria analfabetas, por assuntos desta natureza, e também a circunstância de serem raríssimos os escritores mortos que nesta terra despertam a cubiça dos editores. Regra geral, o escritor, entre nós, quando se enterra, morre de vez. Livreiros inteligentes, com espírito de iniciativa bastante para farejarem e lançarem a público, de motu próprio, boas obras esgotadas ou inéditas, não os temos, e se os temos são tão poucos que não se vêem. Desaparecida a actividade do autor, que promove e negocia a publicação dos seus livros, só de raro em raro uma actividade estranha surge a substituí-la, e essa — frísemo-lo bem! — raríssimas vezes inspirada por intuídos inteiramente nobres e desinteressados. As mais das vezes, se não sempre, sob a máscara de um serviço às letras pátrias ou à memória do esquecido, oculta-se apenas um calculado e ganancioso mercantilismo.

Exactamente porque assim sucede é que eu hoje venho oferecer à consideração dos meus leitores o problema em questão. A regra geral dos «esquecidos», exceptua-se, em Portugal, um escritor que nunca deixou de ser em demasia «dembrado» e que só por si justificaria uma campanha de defesa. Adivinharam que me estou referindo a Camilo. E como empreguei a palavra defesa, já daqui estou vendo, de sobreenho carregado, certos *soi-disant* camilianistas, que acolhem a suposta entrada de um profano na sua seita com a hospitaleira catadura de um enxame de abelhas ao sentirem lagarto próximo do seu cortiço...

Descansem os «camilos» que ninguém pretende invadir-lhes a estalagem! Eu não pertenço, nem quero pertencer — Deus me livre — à pitoresca confraria dos que, na feliz expressão de Feliciano Santos, na ânsia de parturearem uma obrinha sobre Camilo, inventam uns inimigos pavorosos da glória do Mestre, que furiosamente desancam, desde o prefácio ao índice. Os inimigos de Camilo não são os inimigos hipotéticos, com que os pretensos camilianistas sonham, no seu delírio de perseguidos por conta alheia. São exactamente os que, a título de o defenderem e o exaltarem, lhe mercadejam o espólio, com o fito matreiro de fazerem nome à sua custa, pelo princípio aforismático de que quem a boa árvore se chega boa sombra o cobre. É o objectivo a defender, sendo em parte a glória do Mestre e o seu pudor literário (que nos mortos, mais do que nos vivos, se deve respeitar), é também o interesse pecuniário dos seus herdeiros, empareceado com o dos verdadeiros camilianistas, admiradores e compradores da sua obra.

Digo isto porque, a meu ver, a publicação desenfreada que se tem feito de cartas particulares de Camilo é uma vergonha, susceptível de ser encarada sob dois aspectos diferentes, que eu distinguirei designando-os, respectivamente, por aspecto moral e aspecto material. É no primeiro destes aspectos que eu considero estas publicações como um criminoso atentado ao pudor literário do escritor.

Evidentemente, eu não condeno em absoluto a publicação póstuma de escritos, sejam elles de que natureza forem, inclusivé a correspondência epistolar. Como elemento de estudo, uma correspondência revela, até, melhor que uma obra, a individualidade, o homem.

Espelho de gostos, de aspirações, de alegrias e de pesares; reproduzindo factos e sensações que não costumam revelar-se na obra destinada à publicidade, a correspondência de um escritor contribui sempre para enriquecer o tesouro da sua documentação histórica e psicológica. Mas exactamente por isso é que não há o direito de a devassar a torto e a direito, de inconsciente ou gananciosamente a assoalhar. Há cartas e cartas. Há as que, como as de Plínio ou as de madame de Sevigné, foram didactamente preparadas para o público, e há as que todos

OS PARASITAS DE CAMILO

nós escrevemos, quantas vezes em momentos de angústia e de tragédia íntima, sem a preocupação da posteridade e, consequentemente, sem nenhuma qualidade que as recomendem sob o ponto de vista literário ou artístico. Qualquer critério, por medianio que seja, desde que o não desvaire a febre da ganhuça, está à altura de distinguir entre umas e outras, reconhecendo que nenhum escritor, por muito talento que tenha, escreve uma página de Flaubert para dizer ao seu alfaiate que o fato ficou curto ou para reclamar urgentemente os serviços de uma parteira...

Ora de Camilo, escritor infeliz, cuja desgraça até consistiu em haver escrito cartas a toda a gente, não se têm publicado apenas as que elle próprio publicou, como as trocadas com Vieira de Castro, e as que seria defensável publicar — aquelas que foram diri-



Camilo Castello Branco
(Gravura de Pastor)

gidas a outros homens de letras, tratando de assuntos literários e coisas públicas. De Camilo, na fúria editorial que atacou a daninha seita de pretensos camilianistas, têm vindo a público escritos irrisórios e tristes, coisas sem valor literário e coisas sem interesse geral — coisas que o genial solitário de Seide escreveu em trágicas horas de tormento, confissões e desabafos íntimos, pedaços de alma que elle uma vez confiou a alguém e que não desejava nunca oferecer ao pasto sacrilego e alvar da coscuvilhice indígena. Há, porventura, o direito de considerar esses papéis — retalhos de miséria moral ou de despreocupação literária — fragmentos da obra geral do escritor? Há o direito de atirar isso para a publicidade?

Não pode haver!
A pasta de um escritor é tão sagrada como o seu túmulo. Nenhum princípio, nem o do culto nem o do estudo, autoriza a publicação de papéis que o autor não destinou à publicidade. Não se estuda um escritor, retalhando a sua vida íntima no soalheiro da letra redonda, pelo processo por que os aprendizes de medicina estudam anatomia, retalhando cadáveres na mesa de mármore. De resto, eu creio que este crime está previsto nos Códigos, no capítulo referente à violação de correspondência...

Mas eu disse atrás que esta defesa visava especialmente nos interesses pecuniários dos herdeiros do Mestre e aos seus próprios interesses pecuniários. Estamos a contas com o

chamado aspecto material da questão, que também se pode colocar sob a alçada dos Códigos.

Camilo tem herdeiros na miséria, em favor dos quais se fez em tempos uma campanha justa. O Parlamento concedeu-lhes uma pensão. A lei, garantindo, de uma maneira muito clara, aos herdeiros de um escritor falecido, durante 50 anos, os direitos literários de qualquer obra que ainda não esteja negociada, garante aos netos de Camilo o produto das obras inéditas que os parasitas do escritor forjam e publicam. Recebem elles, porventura, o produto? Não pensem nisso. A seita que pontifica na «estalagem dos Camilos» não tem apenas uma sede muito ridícula de celebridade; tem, também, uma devoradora fome daquilo com que se compram os melões. Eles não invadiram o imenso baldio que é Camilo somente para respirarem a plenos pulmões a aura da celebridade que o bafeja. Depois do nomezinho, há também o estômagozinho. Ser camilianista como elles o entendem, é uma mina. Há quem viva disso. Ponto é que lhes caia nas bentas unhas um original do Mestre — bilhete postal ou rol da lavadeira. Os legítimos interesses dos netos de Camilo, em nome de cuja fome especularam, são fáceis de iludir. Quatro sandieiros à guisa de prefácio bastam para lhes dar a eles o título de «autores» da brochura. É livre corrida... Resta deitar o arpoão aos pobres homens, sinceramente camilianistas, cujo culto pelo mestre vai ao ponto de obterem a todo o custo «tudo quanto se publicou», do Mestre ou sobre o Mestre.

Há, meus caros senhores, em Portugal, uma quadrilha organizada de *sout-encurs*, que vivem, positivamente, à custa da glória de Camilo, como poderiam viver à custa da Glória Fadista. Acoitam-se na «Estalagem dos Camilos» e de lá atiram a rede aos ingénúos coleccionadores do Mestre. Não sei se pertencem à quadrilha dos «Corujas dos cemitérios», cujas proezas os jornais, em devido tempo, celebraram. Mas estou absolutamente convencido de que, quando se esgotarem os autógrafos, os retratos e quejandos sobejos do genial escritor, são muito capazes de lhe assaltarem o jazigo para lhe palmarem o caixão de chumbo!

Com o cadáver já elles investiram. Aqui há tempos, foi pôsto a correr o plano de transportarem para o cemitério de S. Miguel de Seide os restos mortais do infortunado romancista.

Ora Camilo determinou *expressamente*, numa carta a Freitas Fortuna, que o sepultassem no jazigo que aquele seu grande amigo tinha no cemitério da Lapa, do Pôrto. Lá está o grande morto. Tirá-lo dali é mais que uma violência; é uma profanação. Pode-se contrariar a vontade de um vivo; a vontade de um morto é sagrada.

De resto, mesmo que contra semelhante ideia se não erguessem tão poderosos motivos, eu não concordaria com a trasladação de Camilo para S. Miguel de Seide.

Camilo, cadáver, não é pertença de ninguém; pertence à terra. Camilo, espírito, não é pertença de S. Miguel de Seide; pertence à Nação inteira. Se fôsse possível arranjar Camilo do modesto jazigo da Lapa, onde elle quis dormir o último sono, não seria para o sepultar ao lado do Eusébio Macário; seria para o depositar no Panteão Nacional, único lugar que de direito lhe pertence.

Não há muito tempo, aventou-se a ideia de dar este destino ao cadáver do marquês de Pombal. Chegou-se a trabalhar para isso. Porque se desistiu?

Porque a família (note-se bem: a família) houve por bem opôr-se.

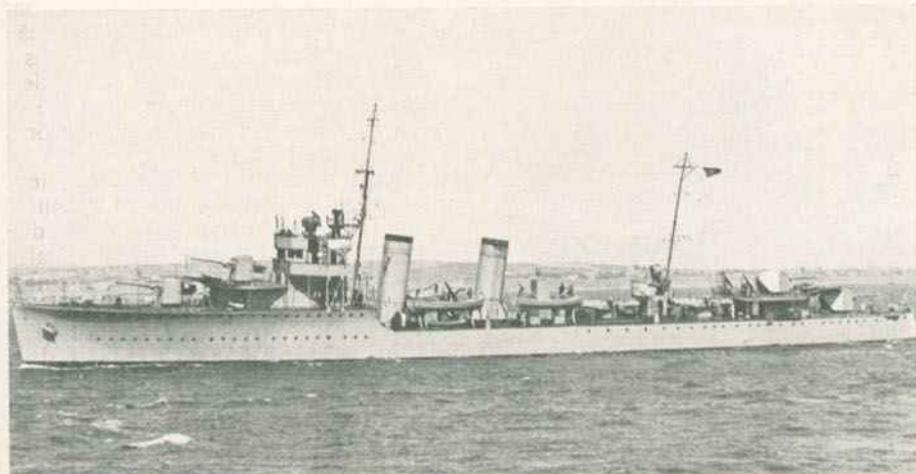
Como se compreende que se respeite, nmm caso, a vontade de uma entidade quasi estranha, a família, e, noutro caso, se pretenda violar a vontade do próprio indivíduo?

Não!
Camilo, infelizmente, tem de continuar no jazigo da Lapa. Foi elle que assim o quis. Resignemo-nos. Se querem prestar-lhe mais uma homenagem, divulguem, espalhem e propaguem a sua obra, que é incensa. Mas deixem em paz o seu cadáver, que é — pó.

Rocha Júnior.

O contra-torpedeiro "Vouga" nova unidade da marinha de guerra entrou, há dias, no rio Tejo

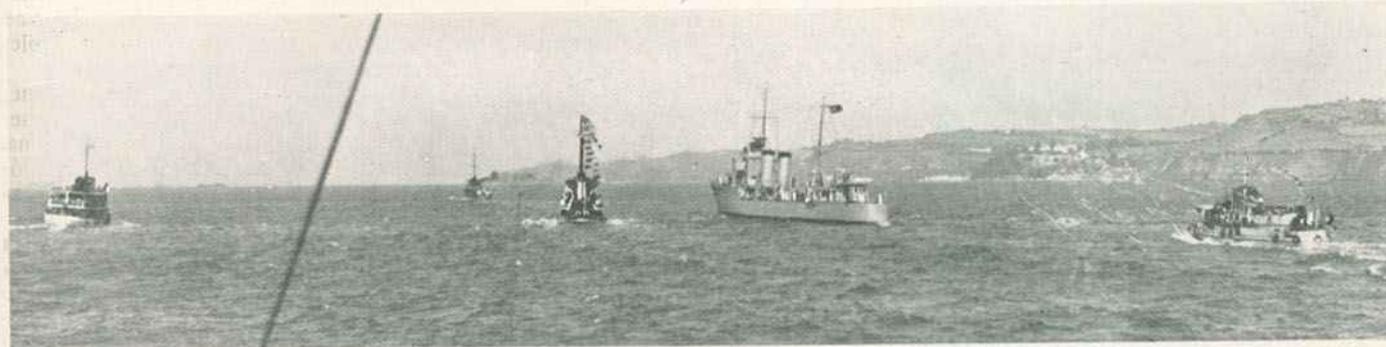
Vindo de Inglaterra entrou há dias no rio Tejo o contra-torpedeiro «Vouga». O novo navio de guerra foi acompanhado desde Cascais pelos torpedeiros «Sado» e «Mondego» e pelo submarino «Hidra». O Tejo estava coalhado de embarcações, carregadas de gente e embandeiradas em arco. No Terreiro do Paço — em frente do qual ancorou — uma enorme multidão aguardou a nova unidade da nossa Armada. Após a chegada, o «Vouga» foi visitado pelo chefe do governo, sr. dr. Oliveira Salazar, pelo ministro da marinha e outros membros do gabinete e por diversas entidades oficiais, tendo havido discursos patrióticos.



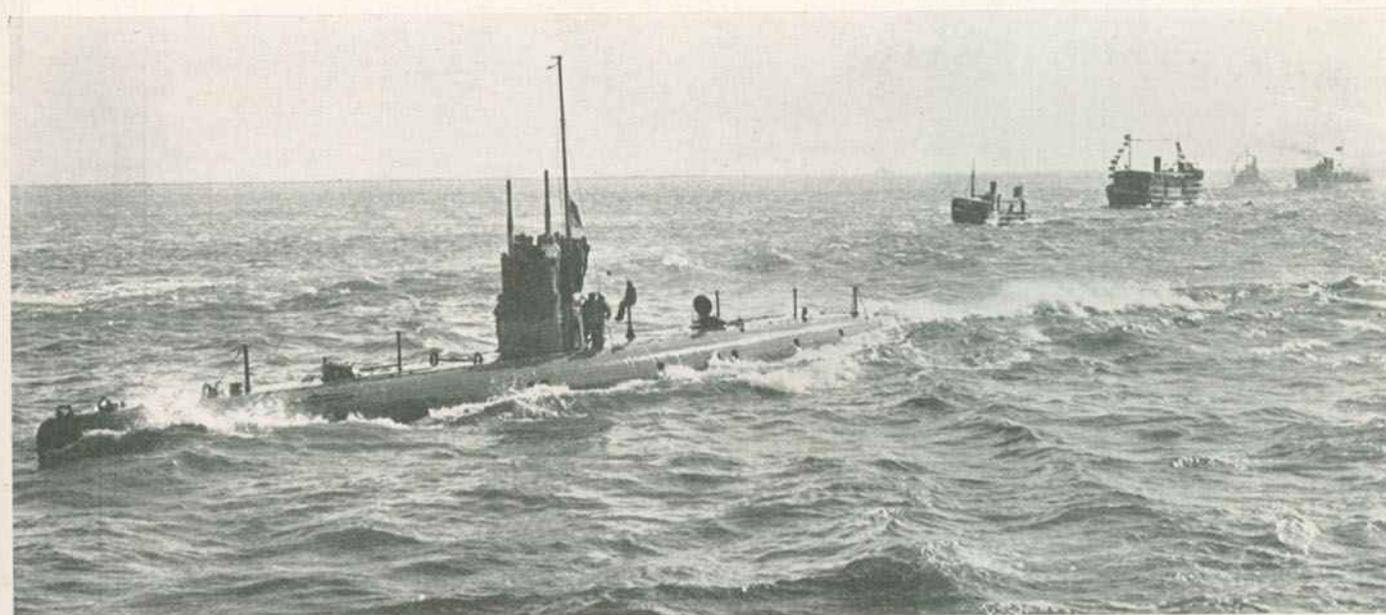
O «vouga» navegando na baía de Cascais



Sêde bemvindo!



O novo barco de guerra singrando, Tejo acima, em direcção ao Terreiro do Paço no meio das embarcações que o foram esperar à barra



O submarino «Hidra» abria o cortejo fluvial que acompanhou, desde a baía de Cascais, a nova unidade de guerra

JÁ se perde nas brumas do passado a mulher-anjo do lar.

Agora a doce companheira do homem transformou-se numa rival da sua actividade, a ponto de ser essa nova fase a origem de tantos sem trabalho.

E foi, principalmente, a guerra a causa de que a mulher, se não vestiu definitivamente as calças masculinas, se atribuiu muitas das suas vantagens.

Já antes, muito antes mesmo, se notavam nos países do norte da Europa mulheres ocupadas em ofícios que mais a homens se adequavam, como marceneiras e estofadoras, mas a proporção era diminuta e bastante restrita. Com a mobilização, em apelos sucessivos, de toda a população válida masculina, ficaram vacantes vários postos e vários mistérios nos países beligerantes.

E assim apareceram, por todos êles, mulheres, desde as plataformas dos electricos, sobraçando a sacola do conductor ou fazendo de "wattman", até às carteiras sonolentas dos amanuenses do estado.

E mostraram, afinal, que em competência podem rivalisar com o seu amigo pela força da natureza e inimigo por instinto, dando conta admiravelmente do seu recado. Enquanto êles se degladiavam por um ideal mais ou menos certo, isto cá pela zona pacífica não andava nada mal.

E, se os homens desaparecessem da face da terra, continuariam as mulheres fazendo as mesmas tolices, praticando os mesmos actos sublimes e iguais barbaridades, e ainda com a vantagem de chegar mais depressa êsse tão anunciado e sempre adiado fim do mundo, por falta de matéria prima.

Também só para isso a escassez do homem se faz sentir. Quanto ao resto, passava-se bem sem êle, como ficou provado durante êses quatro anos de fogo e sangue.

A Eva de hoje sente-se tão bem no seu papel de macho-femea, que cada dia alarga mais a sua esfera de acção.

Ao volante de um Hudson julga-se tão feliz que até corta os seios para melhor se chegar a êle.

Depois de riscar o globo terrestre em correrias desordenadas, vingando o sexo da inação de muitos séculos, quiz também andar lá por cima, para mostrar que pode subir tanto como o seu parceiro Adão, e, entre algumas fraccassadas, mulheres



A aviadora Amelia Earhart

EVAS MODERNAS

se salientaram na cavalgada das nuvens. — Vá lá êste reclamesinho a proposito, ao livro de Julião Quintinha.

Os americanos já deliraram com as proezas de Amelia Earhart, a quem chamam "Miss Lindy", pela sua estupenda semelhança com Lindbergh, o famoso piloto do "Espírito de São Luís", e deliram ainda agora com a proesa de Amy Mollison rematada com uma queda aparatosa que lhe entrapou a graciosidade

do semblante, desta vez correndo a aventura de parilha com o marido.

Na sua preocupação de macaquear o homem, elas chegam a descurar e a arriscar até os seus encantos físicos. Imaginem que anda para aí em qualquer parte, socando-se valentemente, um grupo de "boxeuses", que se esmurra os narises tão conscienciosamente como Sharkey e Carnera. Que bom proveito lhe faça.

Acho bem que a mulher se desembarace das peias antigas e mostre que não é o tal "animal de cabelos compridos e ideias curtas", — classificação de um despeitado, pela certa — tanto mais que os cabelos compridos passaram á história. Mas, exagerar, não vale.

Que tratem doentes, que advoguem, que vôem e montem cavalos de carne e osso ou cavalos-vapor, mas que se deixem de brutalidades, senão lá se vai a legenda de que as mulheres preferem os brutos.

E é pena, porque bruto com bruto não faz boa liga, enquanto que a fragilidade de uma Any Ondra com um Schmelling dá uma mistura encantadora.

Em geral, a mulher trabalha para ter um bocado de independência própria e não viver exclusivamente por conta do pai, do marido ou do amante. Quer ao menos ganhar para a limonada suplementar ou para o perfume interdito.

Há-as também que trabalham por necessidade e que independentes nunca chegam a ser, pela sua posição subalterna.

E neste caso encontram-se as dactilógrafas, classe que merece todas as simpatias pelo que tem que aturar.

Essas mulheres, que passam o dia a martelar com os dedos uma "Remington" ou marcando numa "Underwood", números áridos ou prosa, quasi sempre insofista são bem dignas de lástima.

Se em casa as espera o filhito adorador ou se as aguarda à esquina próxima o noivo impaciente, nunca são senhoras do prazer da pontualidade, a não ser para a entrada no escritório. À saída, surpreende-as a meúdo muitas vezes um empecilho, mais uma exigência do chefe, que lhe apeteceu ditar uma carta no último minuto, quando já em seu peito tocavam os sinos festivos da liberdade.



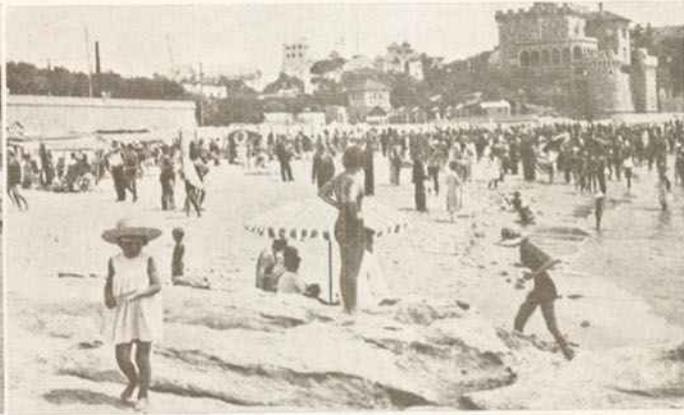
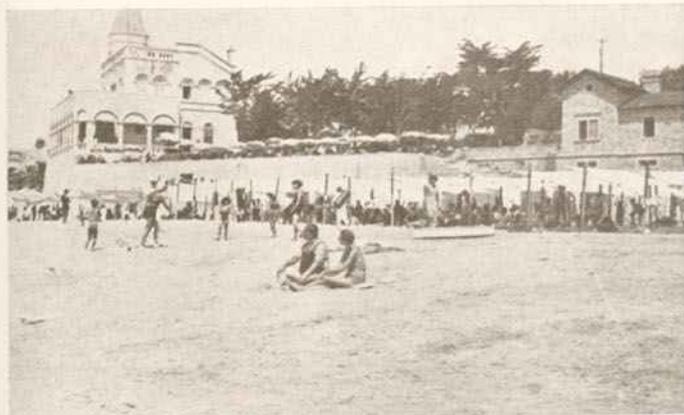
Mercedes Blasco.

ASPECTO GRÁFICO DA ÉPOCA BALNEAR NA COSTA DO SOL

O Estoril está sendo uma praia internacional. A persistência de meia dúzia de homens assim a transformou. Damos nesta página alguns interessantes instantâneos tirados na praia-rainha da Costa do Sol. Uma praia é hoje quasi um museu, um museu de esculturas vivas, em posições admiráveis, um museu ao ar livre... Os *maillets* de côres berrantes, encobrem corpos que são estátuas, estátuas dignas de museu... A alegria doirada do sol, junto do mar azul, empresta a essas estátuas, que tem atitudes maravilhosas,

uma grande beleza... O Estoril, num dia de verão, merece uma visita. Ali se pode avaliar o que tem sido o rejuvenescimento físico da mulher nêstes últimos anos. O Estoril, praia moderna, civilizada, já tem a sua vida internacional, com o seu parque, o seu Palácio, a sua piscina, os seus *bars*... Di-

fere bastante da vida tranqüila e neurastênica de Lisboa, principalmente para os que não têm o privilégio de poder ir até lá...



NA SERRA DE CÓRDOVA

VIVE UM ERMITÃO

que há 25 anos esteve
no Estoril

*"Hay de mí alegre sierra
Sobre las lomas
Unas casitas blancas
Como palomas.*

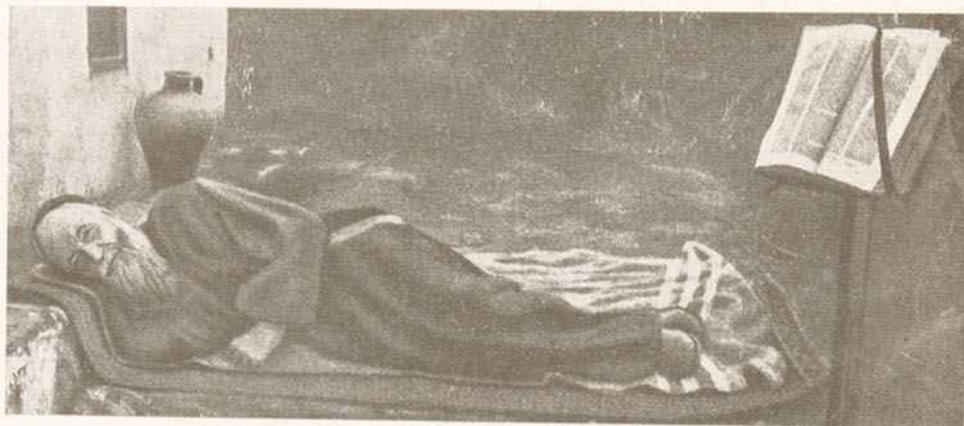
*Allí olvidan las almas
Sus desengaños;
Allí cantan y rezan
Los ermitaños."*

Um dos ermitãos da Serra de Cordova viveu há vinte anos no Estoril, no "Chalet Maria Augusta". Vi-o, falei-lhe e foi ele que mo disse. Quando senti a minha curiosidade calou-se e nada mais consegui saber do ermitão que há vinte e cinco anos viveu no Estoril. Não insisti, nem procedi às investigações que a existência do "Chalet Maria Augusta" permitiam, pelo respeito que merece a vida que ele e os seus onze companheiros levam na Serra de Cordova.

Em cada uma das onze ermidas, espalhadas no alto da serra de Cordova, vive um penitente. As ermidas, com seu sino, são pobres barracas com uma porta e uma janela, na qual o irmão-cozinheiro deixa os alimentos do ermitão que está lá dentro. Têm as ermidas

duas habitações, uma para comer e trabalhar e outra para rezar e dormir, numa esteira estendida sobre a terra fria.

Levantam-se às duas da madrugada e até às três, rezam laudes e matinas, e meditam. Às três e meia, voltam a deitar-se e às cinco e meia tornam a levantar-se, para castigar o corpo e cortar o prazer do sono. Das cinco e meia até às sete, rezam. Às sete bebem uma tija de café, mas



sem leite, porque o leite, a carne e os ovos, estão proibidos. Depois trabalham às ordens do superior, até às onze.

Das onze até ao meio dia rezam, e depois comem o que lhes dá a terra que eles cultivam: grãos, feijões, favas, lentilhas, batatas, e só aos domingos lhes é permitido comer um pouco de bacalhau.

Das duas às três da tarde, vespas e leitura, e depois trabalham no campo. Finalmente, às sete, *disciplinas* que consistem, depois do Rosário, numa hora de meditação, acto de

contricção e, ao som do "Miserére", e depois do "De Profundis", castigam o corpo nu com varas de canhamo até às últimas palavras de "Amen Jesus". Enquanto vestem o hábito, rezam a oração ao Santíssimo Sacramento e quando o superior en-

tão o cântico de Simeão, "Nuncdimittis", ao chegar à palavra "Rumen", acendem as lampadas da ermida-maior, na qual fazem toda a penitência.

A's sete, tornam a comer batatas ou lentilhas. Rezam durante uma hora, e dei-

tam-se às nove. É-lhes proibido comer carne e beber vinho, e fumar, bem como reunirem-se sem necessidade, ou falarem mais do que o indispensável. Para comunicarem entre si usam dos sinos das respectivas ermidas. Quando o superior tem alguma coisa para lhes comunicar, toca o sino grande, e cada um responde com o sino da sua ermida. Duas badaladas lentas, anunciam o dever de rezar o Rosário; cinco, a hora de trabalhar; e assim até trinta e três, que anuncia a hora da Missa.

*"De una gruta en el monte
Plácido asilo;
De una tabla olvidada
Lecho tranquilo."*

(Versos de António Fernandez Grilo).



Rogério Perez.

ACTUALIDADES

Na Ordem dos Advogados. — Perante numeroso e escolhido auditório realizou, há dias, na Ordem dos Advogados, uma notável conferência sobre «A magistratura e a advocacia, o poder judiciário e o Instituto da Ordem dos Advogados no Brasil» o sr. dr. José Bonifácio de Andrada e Silva, embaixador do Brasil e que antontem deixou o nosso país por ter de ir ocupar outro alto cargo diplomático. Presidiu o sr. dr. Barbosa de Magalhães, presidente da Ordem dos Advogados, que fez a apresentação do conferente. Disse o ilustre advogado e antigo ministro da República:

— Pertencendo, pelo sangue a uma ilustre família, herdeiro dum nome, como poucos, respeitado no Brasil e pronunciado com admiração e respeito em Portugal, o dr. José Bonifácio de Andrada e Silva tem honrado essas brilhantes e

nobilíssimas tradições — no fóro, na política e na diplomacia. O conferente de hoje não foi apenas advogado. Foi também jurista, e ilustre, cujo talento podemos admirar através das suas actualizações aos livros clássicos. O dr. José Bonifácio de Andrada e Silva tem sido também um grande político. Tipo acabado do parlamentar, daqueles que honram uma assembleia política, é um orador persuasivo e sugestivo, duma eloquência, que serve os graves os graves assuntos de que se ocupa, tratando-os, não apenas com palavras mais ou menos sonoras e luminosas, mas com termos próprios, adequados e portadores de ideias e de ensi-



namentos. É, ao mesmo tempo, um homem de gabinete, de trabalho, tratando e discutindo os mais intrincados problemas da administração pública, em lúcidos e notáveis pareceres e projectos.

Depois duma prolongada salva de palmas o sr. dr. Barbosa de Magalhães deu a palavra ao sr. embaixador do Brasil que proferiu uma notável oração, desenvolvendo brilhantemente o seu tema. No final do seu trabalho elogiou a Imprensa portuguesa e terminou com estas palavras:

— No Brasil, há vibração efectiva pela terra portuguesa. O português, respirando o ar das terras de Santa Cruz, sob o céu puríssimo do Cruzeiro do Sul, desenvolvendo a sua actividade naquele solo afortunado, vive feliz, como se estivesse em Portugal, assim como nós, os brasileiros, nos sentimos bem e venturosos aqui, como se no Brasil estivéssemos.



Reunião do curso. — Para festejar o 20.º aniversário da sua formatura, reuniu há dias em Coimbra o curso jurídico de 1908-09. Na gravura vêem-se entre outros, os srs. D. António Meyreles, bispo do Porto, drs. Vicente de Vasconcelos, Duarte Silva, Pedro Pita, Adolfo de Andrade e Alves Monteiro



Filomena Casado

TODA a gente fala em calor tropical, requiere montanhas de gelados, lamenta a fôlha de parra do eden terreal. Mas, no fim de contas cada um contenta-se com um copo de refresco, um pires de sorvete, a chupeta dum gelado, e não tem ânimo de tirar o casaco na cidade; satisfaz-se com a designação *tropical*, como se a *equatorial* não dissesse muito mais; e lamenta uma coisa que, na verdade nunca existiu: a tal fôlha de parra que foi a moda de Adão e Eva.

Sim, minha querida leitora, a fôlha com que os artistas têm figurado nossos primeiros pais em pleno eden terreal, não passa duma «expressão mais simples» que a brejeirice universal aceitou de ânimo leve, sobre tudo pelo que diz respeito a Adão, ainda que fosse muito grato no Paraíso o folheto das parras! Com o que o par paradisiaco se revestiu, na pressa natural de quem acaba de

colher o vedado pomo, foi com umas cintas de fôlha de figueira. E para substituir estas, é que Deus lhes fez umas túnicas de peles, ao expulsá-las da mansão das delícias castas.

É claro que, então, o Senhor considerava extinta para êles a edênica, constante primavera. No entanto, quanta vez, nas caniculares regiões limitrofes do seu paraíso perdido, não lamentaram nossos pais, entre a perda de outras amenidades, a das cintas de fôlha de figueira que tinham achado suficientes para velar o pudor de seus nus? Assim, deveria ter sucedido, principalmente com Eva, a tentadora filha da perversa costela.

Já Hesíodo, um dos primeiros poetas de que há memória dizia, no seu tratado-poema sobre os trabalhos e os dias, que é nesta quadra do ano que a terra se fecunda e as mulheres mostram muita lascívia. Também, um clínico moderno, de especialidades sexuais, inimigo de Malthus, prescreve a época como a mais propícia para casamentos.

Mas, perguntarão: o que têm que ver, se não já a moda do eden terreal e a expulsão de lá de nossos primeiros pais, o remoto poeta Hesíodo e a lascívia das mulheres, o moderno adversário do malthusianismo e as suas prescrições sobre o matrimônio, com o fato de banho, que serve de título a esta crônica?

Poderia responder, muito facilmente, que sou eu que estou escrevendo em *maillot*, inspeccionado de longe pelas vistas de lince dum cabo de mar, que passa e repassa com a sua maruja branca e longo terçado pendendo da cinta, terrível como aquêlê Querubim que Deus pôs à porta do paraíso das delícias, com uma espada de fogo e versátil, para guardar o caminho da árvore da vida.

OS FATOS DE BANHO E A GRAÇA FEMININA

Porém, a verdade é que o título: «Os fatos de banho», se destina a uma certa finalidade, que pretendo atingir.

Eu explico:

A principal mira da civilização, e especialmente do seu progresso, tem sido restabelecer na Terra o seu perdido Eden. Para isso trabalham os engenheiros, os artistas, os estofadores, os decoradores, os confeitores e tantos outros mais. Assim já hoje se disfruta, entre outras edênicas delícias, a primavera dum aquecimento-central, em pleno rigor do inverno, e no meio da calma canicular, a brisa suave duma ventoinha elétrica.

Entretanto, vêm a ser os paraísos de veraneio, ao ar-livre, em pleno quadro da natureza, que melhor se assemelham, trazem à nossa memória



Maria Tmará

hereditária, o perdido eden terreal. Em fundos naturais, geralmente marítimos, sob a tenda do grande Azul e cortados de virações amenas, recortam-se essas — digamos, pois que de paraísos se trata — cavernas de maravilha, de conforto e de luxo, que são os palaces, os casinos, as têrmas, com as esplanadas e os parques idílicos, e as vivendas ajardinadas como ninhos platônicos.

E é nêstes novos edens, que a humanidade feliz que para êles emigra na quadra estival, vai adoptando o traje mais próprio, mais em harmonia: os dois palmos de malha essenciais. Não já só para as restrictas funções balneares, mas ainda para tôda uma higiene, todo um desafogo, como a cinta de fôlhas de figueira dos mo-



Maria Sampião

demons paraísos terrestres. Demais, nunca a função dêstes se restringiu à dum simples requisito de banho aquático, mas ainda de sol, de alegria, de encanto e — porque não dize-lo, também? — de amor.

Êste ano, sobretudo, a que mal se prolongou a moda dos pijamas iniciada o ano último, o fato de banho é o traje ordinário das práias. Manteve-se belamente a equiparidade do *maillot* para os dois sexos, o que se compreende, pois se a mulher se despiu sempre mais que o homem, era absurdo que o fizesse menos quando lho exige, mais que um requisito estético, uma necessidade de higiene. Assim, lá fóra, já elas passeiam pelas ruas, tomam refrescos nas esplanadas dos casinos e dansam ao som do Jazz.

Imoralidade?... Dizia-me um velho, experiente, sentencioso e amoral, que a Mulher só tinha a perder mostrando-se, revelando-se tanto; e, ao ouvido, falou-me do tempo em que se perdia uma hora, e mais, para se ver dois dedos acima dum tornozelo.

— Mas, então não acha que assim se vê muito mais e melhor, e com uma grande economia de tempo? — perguntei intencionalmente ao velho.

— Sim, mas o que nos fica para ver, *depois*? — indagou-me ainda êle, não menos intencional.

Respondi. — Olhe, se fôr uma desilusão será em muito menor escala, porque quási tudo está patente. — E indiquei-lhe uma bela rapariga que passava ao sol, em *maillot*:

— Veja aquela pequena... Não tem mistério mas tem graça, vivacidade, alegria. Não a imagino, vejo-a, e sinto a beleza da Arte, da Arte-viva. E, com franqueza, mostra-se-me tanto, tão completa, enchendo tanto os meus



Maria Helena

olhos, que não fico a pensar no mais que pudesse vir a ver-lhe, *depois*... Quere isto dizer, que perdeu para mim, no amor? Não creio; se tivesse que prender-me a ela, teria a certeza de que o meu amor se não se desiludiria, pelo menos com os seus encantos femininos. E quanto ao resto, o resto é o eterno caso da Madalena quando o gentio exprobou Cristo de permitir que ela lhe ungisse os pés, porque a verdade era que a Pecadora já o deixara de ser e o mal continuava apenas no espírito do gentio... Isto, apesar de que não sei se aquela rapariga que ali vai em *maillot* tem ou não tenção de pecar. Não me parece, mas sim, gozar o sol e a desopressão do seu nu jovem. Aqueles senhores que a rondam, a não largam de olho, é que são concupiscentes. E, meu caro amigo, por que não começa o cabo do mar por prender aquele gentio!

(Então Portuguesa)

Alexio Ribalro.



António Andrade

Na chamada *Terra del Sole* (Forlì), sua cidade natal, faleceu repentinamente, vítima de uma paralisia cardíaca, na avançada idade de 82 anos, o grande artista lírico Angelo Masini, o qual, por não ter ainda rival, era denominado *o rei dos tenores italianos*. Masini — interessante coincidência — faleceu quando na imprensa do seu país se discutiam, acaloradamente, as causas da manifesta decadência do *bel canto*, de que ele, o exímio artista lírico, foi incomparável intérprete nos mais categorizados teatros do mundo inteiro.

Lembra-nos que Angelo Masini, o *divino Masini*, interrogado por um crítico musical acerca de tal decadência, respondeu simplesmente, com a sua costumada naturalidade, o seguinte:

“Ah! meu amigo. Na Itália não faltam mestres de canto nem vozes; faltam artistas bem preparados”. E referiu que ele, *o rei dos tenores italianos*, estudou com a célebre professora Gilda Minguzzi Zoli, uma *santa donna*, como Masini sempre a apelidava, durante cinco longos anos... e sem cantar uma *romanza*!

E continuou:

“Ora, actualmente, todos os *aprendizes* (sic) de canto tomam parte em concertos, exibindo-se em difíceis trechos de óperas de exame... apenas seis meses depois de fazerem a primeira escala afinada...”

A facilidade de emissão era tão notável em Masini, que ele cantava admiravelmente o *repertório ligeiro e o dramático*, sem o menor esforço ou cansaço! Cantava assim e indiferentemente: *Favorita*, *Don Pascoal*, *Ugonotti*, *Barbiere di Siviglia*, *Lucia de Lammermor*, *Aida*, *Rigoletto*, *Puritani*, *Fausto*, *Mafistofele*, etc.

Era um autêntico prodígio. O seu repertório chegou a ser de 107 óperas!

Há anos, quem escreve esta desprezível crónica, teve o prazer espiritual de visitar Masini na sua linda casa em Forlì, na rua Vittorio Emanuele, que ele, tão insigne artista como patriota, despojou por ocasião da guerra de valiosíssimos objectos, para o seu produto reverter para obras de caridade. E a todos esses objectos estavam ligados os seus enormes triunfos da Europa e da América! Era um verdadeiro filântropo.

Em 1882 deu 20.000 liras ao Asilo de Mendicidade de Forlì; em 1921, 100.000 liras ao hospital da mesma cidade, etc. No seu testamento legou 500.000 liras à *Casa Verdi*, repartindo igual quantia por várias obras de beneficência. Masini, quando lhe declarei que era português, citou-me, saudosamente, os seus assinalados sucessos no nosso

S. Carlos, na época de 1873-1874, ao lado da célebre Patti, da Adelina, como ele a denominava, e de Antonio Cotogni, o *príncipe dos baritones*.

Cantaram o *Bar-*



A grande cantora Patti no apogeu da sua carreira

OUTROS TEMPOS... O tenor italiano e o cantor português

beiro de Sivilha. Os antigos *habitués* do nosso *S. Carlos* nunca puderam esquecer tal noite, que não se repetiu por imposição irremovível da Patti, escandalizada com as delirantes ovações tributadas a Masini, que se excedeu a si próprio! A Patti chegou em cena, *trascinata* pela voz celestial de Masini e pelos seus extraordinários *vocalisís*, a distrair-se! Cotogni, nos bastidores, sem inveja, exclamava: “Depois do que ele fez, que inventarei eu para não desmerecer?”

Houve destas noites de glória no nosso *S. Carlos*... actualmente fechado!

Com uma memória fácil, Masini falou-me de diversos *dilettanti* que o *onoraron* e falou-me com simpatia, que me apraz registar aqui, do ilustre tenor português António Andrade, elogiando os seus invulgares dotes de artista. Na *Carmen* foi um artista completo, que na Rússia, ao lado do irmão, conquistou merecidos triunfos. E insistiu:

— O Andrade era, na cena, um tenor de grandes recursos. Não aparecem muitos, infelizmente, e, quando aparecem, já estão gastos. Eu, por exemplo, confesso, só depois de bastantes anos conseguí exteriorizar, a meu contento, as personagens que incarnava, especialmente nos *recitativos*. Masini preocupava-se sempre muito com a acção do *libretto*.

Na *Lucia*, na *Favorita* e nos *Ugonotti*, Masini chegou a

ANGELO MASINI ANTÓNIO ANDRADE

ser comparado a um Rossi e a um Salvini! No famoso *dueto* do IV acto desta ópera de Mayerbeer causou ao público, seguramente, esta soberba impressão. Metia medo vê-lo com a face descomposta e os cabelos revoltos, atacar o característico trecho: *Stringe il pediglio*, etc.

O seu canto era tão angustiado, que perturbava profundamente os espectadores! Raros eram os que não continham a custo uma *furtiva lacrima*, ao ouvir-lhe a eloquentíssima frase: *Lasciami, o Dio partire...* A sua *mezza voce* assumia uma expressão de incomparável doçura.

A aludida dificuldade venceu-a António Andrade, convém notar, porque já era um apreciado amador dramático, quando, cheio de legítimas aspirações, partiu para Milão. Angelo Masini, porém, trabalhou de sapateiro até quasi aos 18 anos, ao lado de seu pai, o que o não impediu de realizar aos 23 o seu debut oficial no teatro de Cagliari, que gozava de certa reputação, com a *Norma* de Bellini.

A sua grande carreira inaugurou-a quando o famoso empresário Scalaberni o scritturou por três anos consecutivos à razão de 300 liras por mês, paga naquele tempo bastante elevada.

A observação de Masini é exacta. De facto, o próprio Caruso, quando na plenitude dos seus recursos vocais no nosso *S. Carlos*, na *Fedora*, ainda era um comediante mediocre. Mais tarde,

volvidos muitos anos, tornei a encontrá-lo numa elegante festa de caridade, no teatro *Costanzi* de Roma. Então sim: o que perdera como cantor, compensava-o com a maneira como representava.

Mas não nos afastemos do assunto principal desta crónica com divagações...

Um pormenor interessante e característico da carreira de Masini foi o seu ruído incidente com o *Teatro Scala* de Milão. O pormenor é conhecido, mas vem talvez a propósito referi-lo. Quando, após os seus estrondosos sucessos de Ravena, Bolonha, Florença, Roma e Palermo foi proposto como *tenor d'obbligo* para o *Scala*, a direcção desse teatro levantou várias objecções. Considerava-o, sobretudo, muito novo. Masini, indignado, jurou que nunca cantaria em espectáculos no *Scala* e que se havia de vingar.

Partiu para o estrangeiro contratado pelo editor Ricordi, e com Verdi, como intérprete da *Missa de Requiem*, uma das obras primas do grande compositor italiano.

De regresso a Milão, a direcção do *Scala* pretendeu scritturá-lo dispensando-o de qualquer prova e sem requear a paga. Masini, não perdoando a ofensa recebida, manhosa e exigiu uma prova no próprio teatro.

No dia fixado, o *Scala* reunia as mais conspicuas figuras da sociedade e os mais severos críticos, que ficaram positivamente subjugados e encantados com o talento e dotes do moço artista. No fim da prova, sem aguardar que se extinguíssem os delirantes aplau-



O tenor Masini

dos que suscitara, Masini saiu do teatro... para não mais nele entrar. Todos os esforços e promettimentos desprezou. Dera a sua palavra do *romagnolo* de que não cantaria no *Scala* e cumpriu-a!

Não fecharemos esta crónica sem dizer que Angelo Masini completou 43 anos de carreira e que só na Rússia, onde era estimadíssimo, fez 27 épocas! Encerrou a sua brilhantíssima carreira em Faenza, em 1903, cantando os *Pescadores de Pérolas* e a *Traviata*, ao lado da Eva Tetrazzini, mulher do maestro Campanini, que em várias épocas regeu a orquestra do nosso *S. Carlos*. No estrangeiro despediu-se em 1905, em Paris, com o *Barbiere di Siviglia*.

Retirado da vida artística voltou para a sua Forlì, limitando-se a administrar o seu conspícuo património e a praticar o bem.

Angelo Masini foi, deve dizer-se, um enorme artista lírico e um autêntico filântropo, deixando na sua terra natal indeléveis saudades e na cena lírica do mundo inteiro, sem favor algum, um nome aureolado e imperecível.

Emídio Garcia.



António Andrade, no «D. Acto» da «Carmen»



O Lopes sofreu resignadamente, durante 20 anos, tôdas as tiranias da espôsa e os seus contínuos ataques de neurastenia melancólica, até que um dia a despótica cara metade, teve a feliz ideia de morrer.

Mas na ocasião do enterro—ó fatalidade das fatalidades—quando o caixão ia a entrar no jazigo bateu com fôrça na prateleira e a espôsa do Lopes, que se encontrava em estado cataléptico, voltou a si e voltou para casa com o desolado esposo.

Na semana seguinte, a irascível senhora morreu a valer e quando os gatos pingados entravam no jazigo com a urna, o Lopes recomendou baixinho:

—Cuidado, não batam com o caixão na prateleira.

O guarda da quinta:—Que estás tu a fazer em cima da árvore?

O garoto:—Estou a pendurar esta maçã que tinha caído ao chão!

—Nós encontrámo-nos o ano passado neste mesmo café.

—Como é que sabe isso? O senhor conhece-me?

—A si não, mas conheço a «gabardine».

—Mas eu o ano passado não tinha esta «gabardine».

—Pois não. Nesse tempo quem a tinha era eu.

—Que idade tem uma pessoa que nasceu em 1893?

—Homem ou mulher?

No dia em que inaugurou o consultório, o dr. Sargêdas estava ansioso porque aparecesse o primeiro cliente. Batem à porta e o doutor diz ao criado:

—Mandê entrar para aqui e não me interrompa enquanto eu estiver a falar ao telefone.

Entra o criado com um sujeito e o nosso médico finge estar telefonando:

—Impossível, por menos de 5 contos não faço a operação da apendicite... Aceita!... Está muito bem... Logo passo por casa de V. Ex.^a.

E voltando-se para o sujeito que entrara com o criado perguntou-lhe:

—E V. Ex.^a de que se queixa?

—Não me queixo de nada. Sou empregado da Companhia dos Telefones e venho ligar o aparelho para V. Ex.^a poder telefonar.

Um rapaz aposta com o condiscípulo que é capaz de comer duas maçãs em jejum.

—Aposto que não.

—Aposto que sim.

—Vinte mil réis.

—Estão apostados.

Imediatamente o rapaz come uma maçã, mas quando vai para comer a outra o colega grita-lhe:

—Perdeste a aposta.

—Porquê?

—Porque já comeste uma maçã e, portanto, já não comes a segunda em jejum!

Um pato, louco de amores, passa um cordel ao pescoço e enforca-se numa árvore.

Quando o viram pendurado, os outros patos disseram, assombrados:

—É a primeira vez que vemos alguém enforcar-se por uma «pata».

—Tu não vivias em Colares?

—Pois vivia, mas o médico mandou-me para Bucelas.

—Para mudares de ares?

—Não, para mudar de vinhos.

—Minha filha parece-se muito comigo.

—E, no entanto, é bonita.

Um caloteiro pisa uma senhora:

—Porque não põe os pés onde deve?

—Porque eu, onde devo, nunca lá ponho os pés.

—Se tinhas tanta raiva ao cão de tua mulher porque é que puseste um anúncio oferecendo um conto de réis a quem o encontrasse?

—Para ser agradável a minha espôsa.

—E se alguém encontrar o cão?

—Tenho a certeza que ninguém me viu enterrá-lo.

Em África:

—Nesse caso, o meu amigo garante-me que aqui não há corcodilos?

—Pode tomar banho à vontade.

Atira-se o banhista à água e depois de mergulhar ainda volta a inquirir:

—Mas porque tem a certeza do que diz?

—Porque os corcodilos fogem do sítio onde há tubarões.

—Amanhã cá volto para receber a conta e tenho a certeza de que há-de ter o dinheiro para me pagar.

—Então não falte, porque gosto imenso de falar com uma pessoa tão optimista como o meu amigo.

—Caso-me com êle porque está louco por mim. Diz que eu sou a mulher mais linda da vila.

—E tu julgas que podes ser feliz com um homem que já mente antes de casar?

Havia um homem tão económico que abotoava a camisa e o colarinho numa verruga que tinha no pescoço.

No tempo da Inquisição:

O frade:—Vais ser queimado na fogueira. Qual é a tua última vontade?

O condenado:—Que chamem os bombeiros.

Dizia um saloio da Malveira:

—O que se deita sem cear é porque quer.

E outro saloio perguntou-lhe:

—E quem não tiver que comer?

—Não se deita.

Dois judeus viajavam a pé por uma estrada quando os bandidos lhes saíram ao caminho, de pistola em punho e gritando:

—A bolsa ou a vida!

Então um judeu tirou cem mil réis da algibeira e deu ao amigo, dizendo-lhe:

—Aqui tens os cem mil réis que te devo. Estamos pagos.

O pescador — Lino Ferreira.

O que se passa pelo Brasil



UM MENIDGO QUE POSSUÍA FORTUNA — Morreu no Rio de Janeiro um mendigo de nome Manuel da Assunção. Deixou uma fortuna colossal. Tinha propriedades e muito dinheiro depositado nos bancos. A polícia fez uma busca nos quartos do mendigo. Damos duas fotografias tiradas durante a visita policial. Foi encontrado um cofre escondido entre roupas velhas. Em notas, foram encontradas, algumas dezenas de contos



A POLÓNIA E O BRASIL — O embaixador polaco no Rio de Janeiro, condecorou, em nome do seu país, alguns oficiais brasileiros pela maneira gentil como receberam o aviador polaco Skarzynski, quando do seu voo à Polónia-Rio de Janeiro. No grupo vê-se o ministro da guerra brasileiro



O «14 DE JULHO» NO RIO — No dia 14 de julho houve no Rio de Janeiro várias comemorações. Entre elas, realizou-se no «Lycée Français» uma grande sessão a que assistiram o general Huntziger, chefe da Missão Militar Francesa e o embaixador da França no Rio de Janeiro sr. Albert Kammerer



O «DIA DA INDEPENDENCIA NORTE-AMERICANA» — Junto do monumento de Amizade de América do Norte-Brasil efectuou-se uma manifestação de saudação aos Estados Unidos. Falou o professor Fernando Magalhães e assistiu o Embaixador da America do Norte



IGREJA SACRIFICADA AO PROGRESSO — Na cidade da Ilha a perfeitura teve de sacrificar a velha Igreja da Sé para abrir uma larga avenida. Era uma reliquia do velho Brasil. A sua construção data de alguns séculos. Era das mais antigas do Brasil.

BANQUETES DE HOMENAGEM



AO ARQUITECTO PARDAL MONTEIRO

NUM dos restaurantes de Lisboa realizou-se, num ambiente de justa homenagem, um banquete oferecido pelos alunos de arquitectura ao distinto architecto sr. Pardal Monteiro. Tomaram parte mais de setenta convivas. Presidiu o pintor Sousa Lopes, director do Museu de Arte Contemporânea, tendo à sua direita o homenageado e à esquerda o sr. D. Frei Martin, artista belga, representante da Croix Latine. Em nome dos discipulos de Pardal Monteiro, falou o sr. Paulo da Cunha, que agradeceu ao festejado a maneira carinhosa como regou a aula durante o ano—aula que elles frequentaram com prazer. Depois falou, em francês, o sr. D. Frei

Martin, que traçou o perfil do architecto Pardal Monteiro e disse que a homenagem que se lhe estava prestando era merecida, já pelo seu alto valor já por se tratar dum homem de character. Falaram ainda, saudando o homenageado, o pintor Varela Aldemira, em nome da direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes, recordando o camarada de estudos; Martinho da Fonseca, pintor ilustre, que admira em Pardal Monteiro as grandes qualidades do architecto; Almada Negreiros—o conhecido artista—que citou duas estâncias dos *Lusiadas* a propósito da homenagem. Pardal Monteiro agradece, por fim, lendo um curioso discurso.



A JOAQUIM EREIRA

NA sala nobre do antigo palácio do conde da Guarda, em Cascais, com a presença de cento e tantos convivas, realizou-se um banquete de homenagem ao sr. Joaquim Ereira—figura conhecida no meio propagandista do nosso país e que muito tem contribuido para o desenvolvimento dos Estoris. Presidiu o sr. Governador Civil de Lisboa.

Na mesa de honra sentaram-se os srs.: tenente António Cardoso, presidente da Câmara e administrador do concelho; Luís Barreto da Cruz, dr. Joaquim Pedroso, João Gaspar, professor Carlos Gonçalves, dr. Vieira de Sousa, capitães Madruga e Fernando de Sousa, dr. Neves da Costa, dr. Correia Ribeiro, dr. Francisco Taquenho, dr. José Pontes, Alfredo Vieira Pinto, dr. Costa Pinto, Guilherme Cardim e dr. Adolfo de Andrade.

Receberam-se dezenas de cartas e de telegramas, sendo alguns nomes dos que os subscreviam, muito e calorosamente saudados, notoriamente

os srs. dr. João de Deus Ramos, D. Irene de Vasconcelos, Pereira da Rosa, Mario Pinheiro Chagas, Alvaro Pinheiro Chagas, direcção da «Casa de Portugal», Vitor Falcão, dr. Pereira Coutinho, prof. Francisco António Correia, dr. Nobre Guedes, etc.

Iniciou a serie de brindes o sr. tenente António Cardoso, que saudou em Joaquim Ereira, o homem de character e de bem, feliz por ter a seu lado com sincera amizade, gente de todos os credos politicos e de todas as crenças religiosas. Falaram depois os srs. Smith, Walter Machado, Lima Jorge Reis, Vergilio Soares, Armando Vilar, Guilherme Cardim, comandante Segurado e dr. Vieira de Sousa, Felix Correia, dr. Costa Pinto, e dr. José Pontes em nome do Sindicato dos Profissionais de Imprensa. O último discurso, o do tenente-coronel João Luis de Moura, traduziu o significado da festa em simples palavras. Era de agradecimento a quem fazia o bem e amparava os pobres.

AZAS GLORIOSAS

Vinte e três hidro-aviões italianos comandados pelo general Italo Balbo

DEPOIS de sete horas de vôo, chegou a Lisboa no dia 9, pelas 14 e 30, vinda dos Açores, a esquadra aerea italiana comandada pelo general Italo Balbo. Amarou no Tejo, ao largo do Alfeite. Haviam completado a travessia do Atlantico-Norte, por duas vezes, vinte e três hidro-aviões. Foi uma proeza magnifica. Só um aparelho, deixou de chegar. Ao levantar vôo, em Ponta Delgada, uma perda de velocidade, fê-lo capotar. No desastre morreu um aviador. Foi um acidente vulgar que o victimou. Uma estúpida fatalidade. Adeante... Outra fatalidade havia já feito capotar outro hidro-avião em Amsterdam, ao amarar a esquadra. Foram os dois únicos pontos negros da gloriosa viagem da esquadra aerea, que no último sábado pelas 6 horas da manhã saiu de Lisboa a caminho de Roma, onde chegou às 18 horas, sem novidade. Conseguiu o seu objectivo, numa demonstração de regularidade e disciplina.

A distância percorrida foi de mais de vinte mil quilómetros, assim dividida:

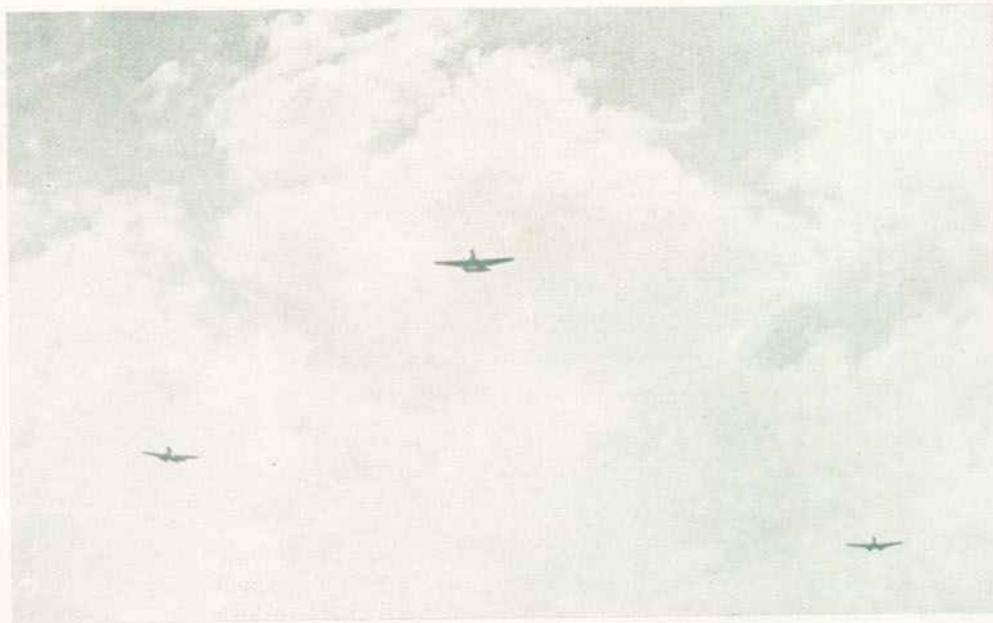
Orbetello-Amsterdão, 1.400; Amsterdão-Londonderry, 1.000; Londonderry-Reykjavik, 1.500; Reykjavik-Cartwright, 2.400; Cartwright-Shediac, 1.200; Shediac-Montreal, 800; Montreal-Chicago, 1.400; Chicago-Nova York, 1.600; Nova York-Shediac, 1.500; Shediac-Terra Nova, 1.500; Terra Nova-Ponta Delgada, 2.651; Ponta Delgada-Lisboa, 1.518 e Lisboa-Ostia, 1.980.

Os aparelhos formavam quatro grupos, comportando cada um duas esquadilhas de três hidros. A parte anterior das azas estava pintada em preto, para o primeiro, para o segundo em vermelho, para o terceiro em branco e para o quarto em verde. O primeiro grupo compreendia uma primeira esquadra comandada por Balbo e outra comandada pelo general Pellegrini. O segundo grupo tinha à sua frente os capitães Nanni e Balbini. E o terceiro os capitães Giordano e Recagno. Finalmente as duas formações do quarto grupo tinha à sua frente o capitão Biani e o tenente-coronel Longo. Os aparelhos têm 2 carlingas e um posto de pilotos entre elas, na espessura das asas, tendo 2 pilotos. Por detrás há o posto mecânico. A carlinga da direita contém 8 reservatórios de gasolina e a da esquerda tem igualmente 8 re-

estiveram no Tejo, depois de atravessarem, por duas vezes, o Oceano Atlântico



O general Balbo, pouco depois de chegar ao Terreiro do Paço, sorri à objectiva. A seu lado, vê-se o inspector da Aeronautica, comandante Cifka Duarte e ao fundo a bandeira do «Fascio».



Com o céu nublado e as nuvens absorvendo o sol, a esquadilha negra composta dos hidro-aviões I-Balò, I-Bise e I-Qua, formando um triângulo, surgiu no horizonte, à vista da multidão que enche o Terreiro do Paço

servatórios de gasolina e um posto de radio. Cada aparelho tem 2 motores de 750 c. v. cada um, que accionam 2 hélices que giram em sentido contrário no mesmo eixo. Os aparelhos pesam 11 mil quilos. A velocidade máxima é de 280, à média de 220.

As etapas foram cobertas à média horária de 250 quilómetros.

A esquadra aerea era assim constituída:

1.ª Esquadilha — Preta Estrelada: 1.º avião, «Balb»: tripulado pelo general Balbo, Cagna, Carlo Pezzani e Cappannini. 2.º avião, «Ques»: Questa, Marrama, Antonante e Zoppi, e 3.º avião, «Bise»: Biseo, Lupini, Parizzi e Giuliani.

2.ª Esquadilha — Preta Circundada: 1.º avião, «Pell»: general Pellegrini, Bonini, Alberi e Piferi; 2.º avião, «Migh»: Miglia, Fisciuro, Lettini e Cubeddu, e 3.º avião, «Borg»: Borghett, Frailli, Leone e Balestri.

3.ª Esquadilha — Vermelha Estrelada: 1.º avião, «Nann»: Nannini, Accardo, Filippini e Veschetto; 2.º avião, «Lipp»: Lippi, Ceccoti, Mastronardo e Bisol, e 3.º avião, «Rovi»: Rovis, Aini, Cipollini e Martinelli.

4.ª Esquadilha — Vermelha Circundada: 1.º avião, «Dini»: Baldini, Novelli, Quintavalle e Joria; 2.º avião, «Leon»: Leone, Revetria, Fabbrini e D'Amora, e 3.º avião, «Teuc»: Teucci, Marini, Romeo e Gasperini.

5.ª Esquadilha — Branca Estrelada: 1.º avião, «Giore»: Giordano, Fiori, Negro e Vioti; 2.º avião, «Napo»: Napoli, Sarlo, De l'onne e Vergilio, e 3.º avião, «Verce»: Vercelloni, Frabetti, Mansani e Murolo.

6.ª Esquadilha — Branca Circundada: 1.º avião, «Eca»: Recagno, Cadringeri, Muzi e Chiaromonti; 2.º avião, «Gall»: Gallo, Cigheri, Bartolini e Pelosi, e 3.º avião, «Abbr»: Abbriata, Nicolett, D'Amuri e Arcangeli.

7.ª Esquadilha — Verde Estrelada: 1.º avião, «Bian»: Biani, Moretti, Manara e Suriani; 2.º avião, «Rani»: Ranieri, Squaglia, Cremaschi e Boveri, e 3.º avião, «Aram»: Aramu, Orsalan, Bonnacini e Fruscante.

8.ª Esquadilha — Verde Circundada: 1.º avião, «Long»: Longo, De Vittembeschi, Ometto, e Bernazzani; 2.º avião, «Cann»: Cannistracci, Rossi, Tiraboschi e Simonetti, e 3.º avião, «Calo»: Calo, Palmiotti, Pinelo e Marcioli.

O regresso a Roma foi comemorado em toda a Itália, como Festa Nacional. Na capital italiana foram os aviadores recebidos pelo rei e em seguida passaram sob o Arco Constantino, onde desde 1527, não passava nenhum triunfador. As aclamações foram formidáveis e as tropas da guarda apresentaram armas.

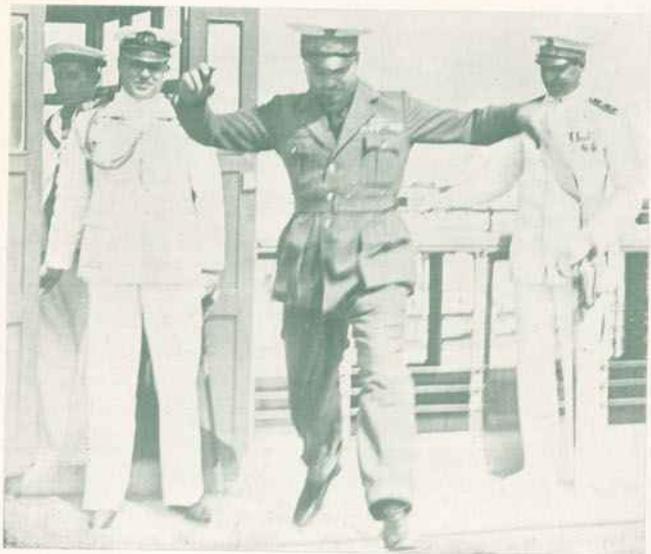


O garoto que transporta o general Italo Balbo no momento de atracar em Cas das Colinas, onde era esperado pelo ministro da marinha e da guerra e demais elementos oficiais. Seguem o escalão várias embarcações apoiadas de gente que recebem o ministro do ar italiano.

A esquadra aérea Balbo em Lisboa



No dia seguinte à chegada a Lisboa, o general Balbo fez a entrega a um grupo de militares transalpinos aos pilotos que, pela primeira vez, atravessaram o Atlântico. Foi uma cerimônia puramente militar. Também duas das esquadras foram premiadas, por distinção, no posto imediato.



Esso, enfim — foi o grito lançado pelo general Balbo ao pôr o pé em terra. A multidão que o esperava no Terreiro do Paço recebeu-o com uma prolongada salva de palmos, ao mesmo tempo que a guarda de honra, postada ao lado do cais, apresentava armas.



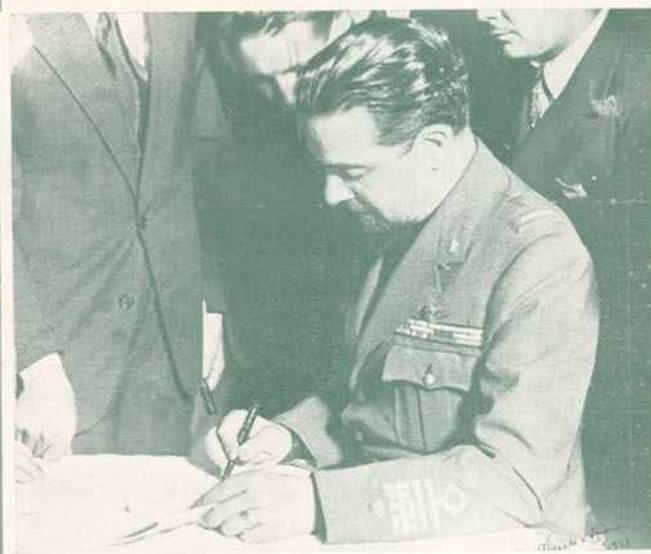
Acompanhado pelo ministro da guerra e pelo comandante da força, o general Balbo passou em revista a guarda de honra, que era composta por uma companhia de Cascaes. Durante esta cerimônia passaram sobre o Terreiro do Paço as três últimas anclas da esquadra aérea.



Fotografia feita pelo major-aviador Pinheiro Correira, comandante do Grupo de Bombardamento de Alvorca e amavelmente cedida à ilustração, onde se vê a esquadra aérea italiana amarrada em fileira ao Alfeite, no dia seguinte à sua chegada às Açores.



Balbo, pelas entidades oficiais e general Balbo assiste ao desfile da guarda de honra. As manifestações regertram-se pela Praça do Comércio, com vivas incessivos a Itália, a Portugal e ao general Balbo. Este agradeceu fazendo construído um monumento à Briga e manobra fascista.



O general Balbo foi sítimo — como aliás o são todos os homens célebres — dos colecionadores de autógrafos. Foi assim, sentado a uma mesa do Palácio, satisfazendo, sempre sorridente, o pedido de assinar o seu nome em folhas de papel que têm fazer parte de álbuns...



Pelos degraus do Cais das Colinas o general Balbo era esperado por numerosos membros da colônia italiana, alguns empolgando a canção negra do 'fascino'. Na recepção fizeram-se também representar as seções do 'fascino' do Paris e de Madrid, que propostamente vieram a Lisboa.



Um dos aviões da expedição Henson pousado sobre as cordilheiras do Tibet

aos materiais em fusão contidos no interior do globo. A lava foi projectada e amontou-se nos bordos do local da erupção acumulando-se a ponto de atingir alturas consideráveis. No cume, cicatrizada ou não, lá está a ferida que comunica com as entranhas do globo e que jorra lavas incandescentes ou se escancara silenciosa e trágica, voltada ao céu.

É este, como dissemos, o caso mais de-

CONSIDERADO o globo no seu conjunto, a vida ocupa nele bem modesta parte. Pode dizer-se que se fixou à superfície pouco fugindo ao nível dos mares, sem atingir as grandes depressões submarinas nem os altos cumos das montanhas.

De todos os animais é o homem o único que tem o hábito de contemplar o céu. E desse hábito ancestral nasceu, decerto, a admiração das montanhas.

¿Que poderá ter dado origem a essas massas da terra que se erguem à superfície do globo e nos parecem gigantesas embora sejam insignificantes se as compararmos ao volume do nosso planeta?

A ciência não fornece a este respeito mais do que hipóteses bem deduzidas mas inverificáveis. Durante muito tempo este complexo e difícil problema tem sido objecto de investigações que no correr dos tempos têm conduzido às mais diversas teorias.

Para as compreender, convem dividir os maciços montanhosos em diversas categorias a que, por apresentarem características muito diversas, se atribuem origens diferentes.

Um dos processos mais típicos da formação de montanhas consiste na origem vulcânica. Em alguns pontos a crosta terrestre fendeu-se, dando liberdade

finido e típico da formação duma montanha. Caracteriza-o, em muitos casos a cratera, em actividade ou extinta, e sempre a natureza vulcânica dos materiais que a formam. Como exemplo, poderemos citar o Vesúvio, o Etna e os Montes de Auvergne, em França.

Outras ainda são edificadas pelos ventos e pelos glaciares na sua faina milenária de desgaste.



O Monte Branco, visto do planalto da Anserre, por Albert Armand

O BOMEM E A MONTANHA

As grandes ascensões aos mais altos pincaros do globo

A maioria, porém, tem a sua origem no esforço contínuo do enrugamento da crosta que resulta do progressivo arrefecimento do planeta.

Querem ainda outros que os continentes formavam em idades recuadas uma única massa de terras circundada pela água dum imenso oceano. Com o correr dos milénios, e em virtude do movimento de rotação da Terra, essa massa de terras fragmentou-se e as suas parcelas foram violentamente arrastadas para fora do centro comum. Essa deslocação não se teria feito sem resistências. Assim, a Ásia teria encontrado fortes obstáculos à sua marcha para Este e daí a formação de grandiosas montanhas no Tibet, ponto de encontro de duas forças opostas.

Um facto curioso a notar e para que não se podem fornecer senão vagas explicações é a circunstância das montanhas se elevarem a alturas que se aproximam muito dos maiores profundidades submarinas. De facto, o ponto culminante do Mundo, que é o Everest, eleva-se 8.840 metros acima do nível do mar, e a maior depressão submarina conhecida, que fica junto ao Japão, pouco ultrapassa 9.000 metros.

Na Europa, a maior altitude pertence

ao Monte Branco, que sobressai no maciço dos Alpes com os seus 4.810 metros. Em Portugal, como se sabe, esta altitude só é seguida de longe pela nossa Serra da Estrela, com a cifra modesta de 2.000 metros.

Em África, o Kilimandjaro e na América, o Aconcagua são já exemplares de montanhas mais imponentes e os seus cumes ultrapassam 6.000 metros.

Mas, como já notámos, e na Ásia que se encontram as maiores formações montanhosas do globo e entre elas há que distinguir o Everest cuja altitude de perto de nove quilómetros deixa muito abaixo de si todos os outros cumes do globo.

Na configuração física das regiões onde se encontram, na repartição das águas — de que elas são os colectores naturais — e, enfim, nos climas, as montanhas desempenham um papel da maior importância. Além disso elas constituem, por vezes, obstáculo à propagação da fauna ou de flora, representando por isso verdadeiras fronteiras naturais, como no caso dos Pirineus que separam a península hispânica do resto do continente europeu, ou os Urais que dividem a Europa da Ásia.

É sabido que ao aumento de altitude corresponde uma progressiva diminuição

de temperatura e rarelação do ar. Por isso, nas grandes montanhas a vida só é possível até um certo limite. Os cumos elevados acham-se em geral cobertos de gelo e a partir de certa altitude os seus flancos estão privados de vida nas suas mais ínlimas manifestações.

Um facto que resulta disto merece ser citado por isso que representa um dos muitos paradoxos da Natureza. Em plena África central, justamente sob o Equador ergue para o céu a sua silhueta imponente o Monte Kenia. E enquanto cá em baixo, a floresta dos trópicos se estende impenetrável e luxuriante, lá no cimo as rochas desnudadas revestem-se de gelos eternos que o ardente sol equatorial não consegue dissolver.

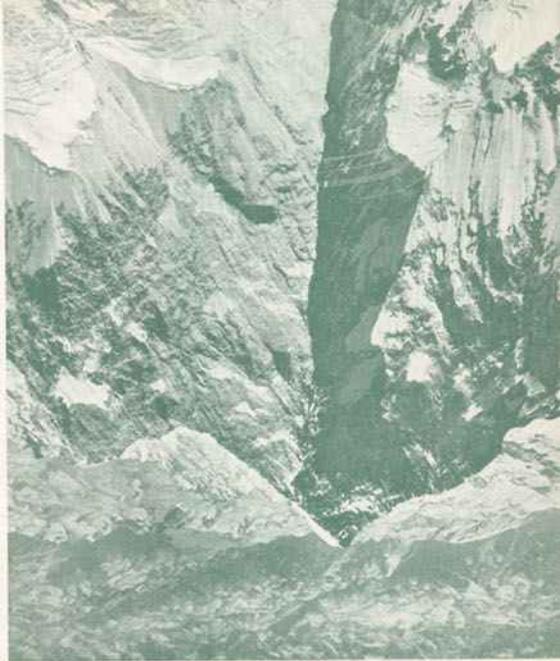
Em todas as épocas a montanha tem tentado o homem com os seus perigos e a sua magnificência. Ela é o símbolo

perfeito do esforço recompensado pois após os riscos e as cansaças da ascensão proporciona a maravilha dos grandes horizontes e a emoção inigualável das paisagens grandiosas.

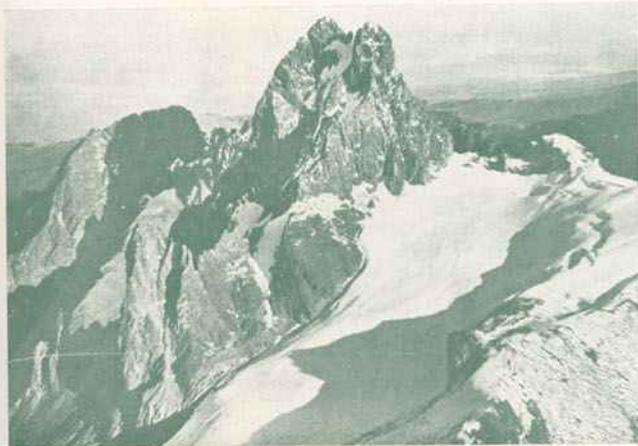
Por isso, movidos por espírito desportivo ou curiosidade científica, os homens têm tentado através dos tempos ascender às alturas, perscrutar esses recantos do globo que a Natureza oculta, com avareza, apoiada nos seus flancos quasi a prumo, nos seus glaciares temíveis, nas suas inexoráveis avalanches, — armas pérfidas e poderosas, com que as altitudes defendem o seu segredo.

Deste modo, gerações de alpinistas têm partido ao assalto das grandes montanhas, animados apenas do desejo de afrontar perigos e de experimentar essa sensação intensa e estranha a que alguém chamou a "angústia geológica" — sensação que vem da vista dos precipícios vertiginosos, das agulhas rochosas que se erguem para o infinito, das perspectivas imensas que se desdobram cá em baixo, perdidas na bruma que flutua pelos pincaros.

Mas não basta ao verdadeiro alpinista seguir a rota traçada pelos seus predecessores, escolher o caminho praticável que o levará ao cimo da montanha. Por isso inventa dificuldades, escolhe



O pincaro do Everest, recoberto de temerarias precipícios fotografado no arido



Quilome Kenia, situado em plena África sob o Equador

novos pontos de ascensão, sempre insatisfeito, sempre em busca de novas aventuras e novas emoções estéticas.

Esta paixão da montanha custou já muitas vidas. As penosas condições em que o esforço físico se realiza nas grandes altitudes — quer devido ao frio quer em virtude da insuficiência de oxigénio no ar — juntamente com os muitos perigos que espreitam o alpinista, preparando-lhe a cada passo uma morte certa, têm roubado à vida grande número de audaciosos escaladores. Mas esse facto só parece contribuir para o ardor dos demais, dando-lhes mais viva e tentadora a sensação do risco iminente.

Mas esta forma de actividade humana encontra a sua aplicação mais útil e proveitosa ao serviço de objectivos científicos. É assim que quasi tôdas as grandes montanhas têm sido pesquisadas nos seus recessos altivos por exploradores de comprovada coragem.

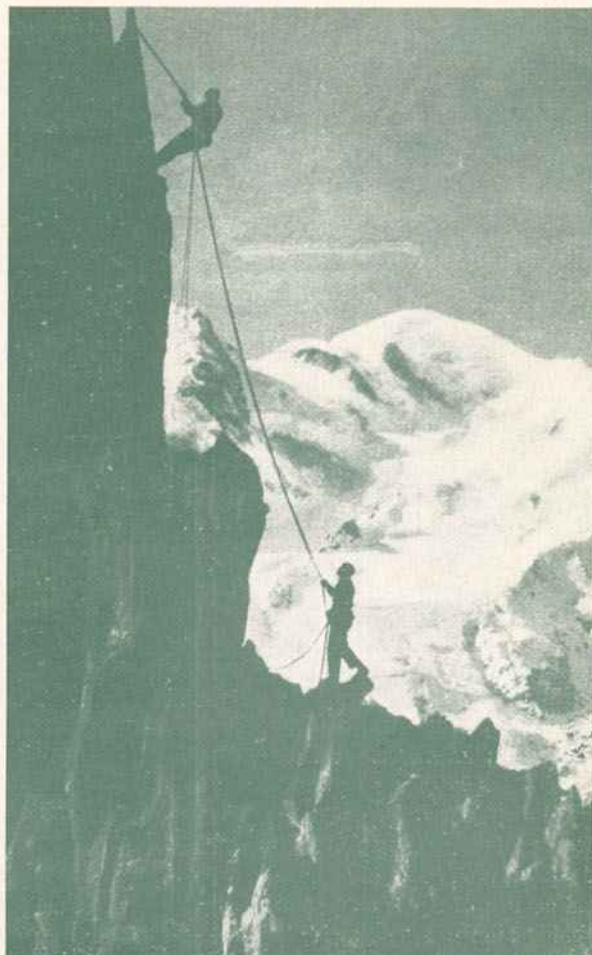
O cume do Monte Kenya, por exemplo, foi atingido pela primeira vez em 1899 por *sir* Halford Mackinder, à custa dos mais penosos sacrifícios. Antes de atingir o sopé da montanha, o explorador teve que abrir caminho através uma selva inextricável de bambus, aproveitando para isso as passagens abertas pelos elefantes e outros animais da selva.

Recentemente, uma expedição comandada por Frank Smyth realizou com êxito a ascensão do Monte Kamef, considerado um dos menos acessíveis do Mundo. Os exploradores, divididos em dois grupos, lograram atingir o cume, à custa dum exaustivo esforço. A partir de certo ponto erguia-se perante êles uma parede rochosa coberta de gelo endurecido. Para a escalarem foi forçoso talhar degraus na

superfície gelada, avançando assim menos de trinta metros por hora. Note-se que, como dissemos, o esforço físico nestas altitudes é realizado em condições precárias e ter-se-á a medida do penoso sacrifício dos exploradores.

Finalmente, só o Everest com o seu cume altivo de 8.840 metros, tem logrado manter-se inviolável ao homem apesar de todos os esforços tentados. Em 1924, dois destemidos escaladores, Mallory e Irvine, perderam a vida no momento em que se preparavam para atacar a aresta final da enorme montanha. No ano passado, a montanha obteve nova e retumbante vitória contra os seus devassadores. Outra expedição que se propunha levar a cabo a conquista do mais alto píncaro do globo foi forçada a desistir, apesar de ter conseguido estabelecer o seu acampamento a cerca de 430 metros do cume.

Este facto veio retardar indefinidamente a ambicionada conquista. De facto, não é provável que num futuro próximo o homem consiga pôr pé sobre essa aresta aguda que parece fender o espaço e donde o vento gelado das altitudes arranca um típico penacho de neve. Mas a audácia humana não conhece limites. Onde não chega o homem chegam pelo menos as suas asas mecânicas. Foi assim que a expedição Huston tripulando dois aviões especialmente adaptados para esse perigoso empreendimento, logrou por duas vezes sobrevoar o pico inacessível. E o cume de Everest deixou de ter segredos para o homem que soube dominá-lo pelo seu génio voando acima da sua orgulhosa aresta que



Uma escalada audaciosa nos Alpes

parece fumegar neve e cuja aridez inhóspita não foi ainda maculada pela passagem de seres vivos.

A muitos se afigurará que estas expedições não oferecem qualquer interesse científico e que são antes conquistas platónicas sem qualquer utilidade prática.

De facto não é assim. Para efeito de observações meteorológicas as ascensões das grandes montanhas revestem enorme importância. Além disso, elas permitem obter o conhecimento exacto da topografia dessas regiões e isso importa sobremaneira para o estudo geográfico dos países circundantes. Finalmente o complexo problema dos raios cósmicos veio aumentar ainda mais o interesse científico das grandes ascensões. Como se sabe, atribue-se a êsses raios uma origem extra-terrestre. Daí resulta que a sua intensidade é tanto mais violenta quanto maior é a altitude e, portanto, menor a camada do ar que os raios são obrigados a atravessar. Os altos cumes estão assim especialmente indicados para esse género de observações e os exploradores já não deixam de se fazer acompanhar do material necessário para colher esses elementos de estudo.



Uma paisagem de gelo fantástica nos flancos do Everest

Rocha Junior



ROCHA JÚNIOR—um nome no jornalismo português—acaba de publicar um livro intitulado «Desenhos animados». É uma obra notável de grande poder de observação, e que revela ao mesmo tempo a pena dum escritor vigoroso e dum crítico, por vezes contundente, mas sempre cheio de observação e de psicologia. Noutro local transcreevamos a crónica «Os parasitas de Camilo», onde há a garra dum grande prosador.

Dr. Ferreira da Costa



ESTÁ publicada a recente conferência feita em Tomar, pelo prestigioso professor do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, sr. dr. Ferreira da Costa, subordinada ao tema «Indústria Nacional». É um notável trabalho e que constitui um dos mais completos estudos sintéticos sobre a nossa indústria.

Mário Mota Pereira

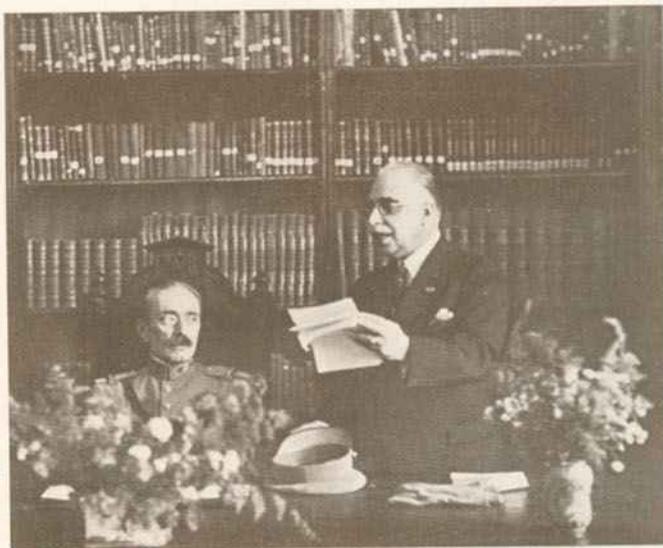


COM 18 valores completou o curso de violino, no Conservatório Nacional de Música, o sr. Mário Mota Pereira, conhecido cantor.

A maneira como interpretou as suas provas valeu-lhe receber de todos os professores daquele estabelecimento de ensino os maiores elogios.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

A educação popular



No populoso e trabalhador bairro de Alcântara foi, há dias, inaugurada uma Biblioteca Municipal. A iniciativa desse grande melhoramento deve-se à Comissão Administrativa da Câmara Municipal e ao sr. Joaquim Leitão, ilustre académico e inspector das Bibliotecas e Arquivos Municipais. A sessão foi presidida pelo sr. tenente-coronel Linhares de Lima, presidente da Comissão. Proferiu palavras de elogio para o sr. Joaquim Leitão, pela sua acção inteligente e pelo seu esforço em prol da educação popular. Em seguida falou o sr. Joaquim Leitão. Começou por dizer:

— Esta biblioteca que estamos inaugurando, com seu pouco recheio de sete mil volumes, como biblioteca popular que é, não traz por missão servir investigadores ou documentar cientistas, mas muito simplesmente criar o gosto pela leitura. No grande quadro da cultura, as bibliotecas populares ocupam a nobre posição de preparar leitores. Mesmo modesta, representa uma prova admirável da compenetração com que a Comissão Administrativa vai cumprindo a sua acção municipalista.

Depois, voltando-se para o sr. tenente-coronel Linhares de Lima: — Os meus primeiros cumprimentos agradecidos devo-os a v. ex.^a, que para essa presidência trouxe, com o seu primor de trato e presto acolhimento das iniciativas, a sua elegante firmeza de soldado e a sua alevantada noção de Pátria que já lhe devia, como ministro da agricultura, obra gloriosa, sem par na História de Portugal — o país bastar-se cerealiferamente a si próprio.

Visitantes ilustres



PASSOU, há dias, pelo Estoril a jornalista húngara madame Van Loo. A Sociedade de Propaganda da Costa do Sol ofereceu-lhe um almoço de homenagem, a que assistiram os srs. dr. José Pontes, dr. Balbino do Rêgo, Guilherme Cardim, engenheiro Nunes e a jornalista sr.^a D. Irene de Vasconcelos.

Dr. José Lobo d'Ávila



Foi escolhido para o alto cargo de ministro de Portugal em Berne o sr. dr. José Lobo de Ávila, professor ilustre da Faculdade de Direito, e que tem desempenhado missões de grande importância, afirmando sempre invulgares qualidades de competência.

Dr. Veiga Simões



PARTIU no sábado para Berlim, onde vai assumir, pela segunda vez, as funções de ministro de Portugal, o sr. dr. Veiga Simões, a quem o nosso país deve relevantes serviços. O ilustre diplomata teve na «gare» do Rossio uma afectuosa despedida, vendo-se à saída do *sud* muitas pessoas em evidência na diplomacia e nos meios económicos.

Carvalho Neves



O ministro dos estrangeiros nomeou o sr. Carvalho Neves, consultor e adido comercial junto da embaixada de Portugal no Rio de Janeiro, cargo que em tempos desempenhou com grande competência e proficiência. O sr. Carvalho Neves parte em breve para o Brasil.



Carole Lombard em cena, sentada a bordo do seu iate

produtores que enviarão os sons de diversos pontos misturando-os habilmente segundo regras estabelecidas. Não é fácil avaliar a primeira vista o extraordinário alcance que esta inovação apresenta. Mas a sua aplicação oferece perspectivas tão vastas pelo menos como a da mobilidade da câmara, de que Abel Gance foi, sem contestação, um dos precursores.

Greta Garbo apareceu desta vez em Hollywood completamente transformada depois duma longa permanência no seu país natal.

Assim, a célebre «estrela» sueca, conhecida pelo seu fútil recolhido, acedeu em receber os jornalistas. E o facto causou natural estupefacção tão habitual se está a considerar Greta Garbo como inacessível.

Esta situação não durou porém muito tempo. Poucos dias depois, Greta mandou construir uma entrada particular que conduz ao seu estúdio e onde só o seu automóvel tem acesso.

Em todo o caso, o número do seu telefone que nunca figurara na lista dos assinantes, aparece já este ano pela primeira vez. E a célebre «estrela» interrogada sobre o facto declarou que atenderia o telefone quando as pessoas que fizerem as chamadas tiverem realmente alguma coisa a dizer-lhe.

«O homem invisível» célebre romance fantástico do grande escritor inglês H. G. Wells vai ser adaptado ao cinema, como já em tempo noticiámos. O protagonista será Boris Karloff que o público português conhece pela sua criação em «Frankenstein». O motivo principal da acção é a história dum homem que descobriu o processo de se tornar invisível e des-se modo lança o pânico numa cidade. Esta criação do escritor tem no cinema o processo ideal de expressão. O trac das sobreposições pertence, de facto, à infância da arte e já o vimos empregado em diversos filmes como «O Fantasma do Moulin Rouge». Os produtores pensam porém atingir uma perfeição insuperável e, assim, a realização técnica do

filme está sendo objecto dum profundo estudo.

Hal Rouch é, como se sabe, o rei do cinema cómico visto que dos seus estúdios sai a maioria das farsas exibidas pelo Mando e sob a sua direcção se têm revelado muitos dos mais famosos comediantes do nosso tempo.

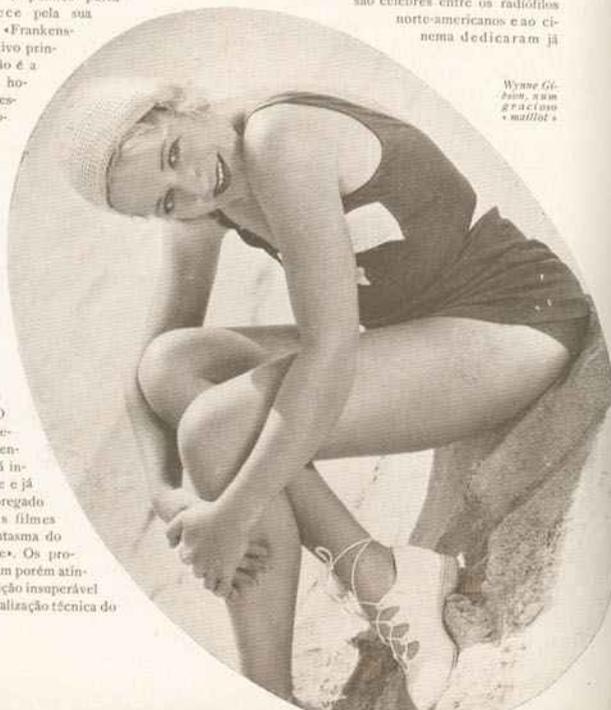
Para a época de 1933-34, Rouch anuncia um programa promotor de farsas gargalhadas. Em primeiro lugar, dois filmes de grande metragem com os célebres cómicos Laurel e Hardy; oito de duas bobinas com Charley Chase; e outros oito com Thelma Todd; e a «Pandilha» fará seis filmes. Além destes anunciam-se seis comédias musicais que serão interpretadas pelos artistas de opereta, mais populares dos Estados Unidos.

Na exposição internacional de Chicago encontra-se um pavilhão que se chama Hollywood e está despertando vivo interesse entre os frequentadores desse certame mundial.

O referido pavilhão encontra-se no interior adaptado a estúdio, reproduzindo nos mais minúsculos pormenores os desses enormes edifícios em que se fabricam os filmes.

Todos os dias aí se realizam películas que são interpretadas por Dorothy e Roscoe Ates. O argumento é explicado ao público que ocorre em grande número para ver como são feitos em Hollywood os filmes que o Mundo inteiro admira.

A «R. K.» contratou dois artistas que são célebres entre os radiófilos norte-americanos e ao cinema dedicaram já



Wynne Gibson, num gracioso «mutilat»

CINEMA

ACTUALIDADES

uma apreciável colaboração. Trata-se dos famosos comediantes Amos and Andy, cujas vozes a T. S. F. popularizou em toda a América. Desta vez, porém, os dois artistas não interpretarão cómicas aventuras como até agora têm feito no cinema. Limitar-se-ão a emprestar a sua voz aos desenhos animados e serão os próximos parentes de Mickey-o-rato, que há de interpretar as peripécias dos seus filmes.

A «Warner Bros.» tem em projecto a realização dum filme sobre a vida de Napoleão em que o grande actor americano Edward G. Robinson interpretará o papel de Imperador. A ideia principal deste filme é mostrar o lado humano de Napoleão, apresentando-o em algumas das suas aventuras amorosas e relegando para plano secundário a feição militar da sua carreira.

«Frankenstein», apesar do mau gosto das suas cenas de horror, produziu certo êxito em todo o Mundo, atingindo elevadas receitas. Este facto animou os produtores a realizar outro filme que será a continuação das alucinantes aventuras do monstro e em que Boris Karloff interpretará o mesmo papel que o celebrou como actor de grandes caracterizações.

Al Jolson, o popular cantor que nos revelou, nas suas primeiras fases, o fono-cinema, acaba de revelar extraordinárias aptidões para actor. Pôde atestá-lo

Adrienne Ames, artista da «Pharamonts»



o jornalista Walter Winchell que dos seus punhos vigorosos recebeu dura lição. O mais curioso é que o caso se passou perante numerosa assistência que se preparava para assistir a um verdadeiro combate de *boxing* e a quem não deixou de interessar o inesperado intermédio que o conhecido actor lhe proporcionou.

Winchell é um dos jornalistas que devassam a vida íntima de Hollywood. Poucos dias antes do encontro com Al Jolson escrevera êle um artigo em que o casamento deste actor com Ruby Keeler era apreciado. Al Jolson julgou ver nas palavras do articulista a insinuação de que o seu casamento fóra movido pelo interesse. Daí a sua indignação e o improvisado combate de *boxing* que durante alguns dias foi tema obrigatório das conversas.

Os segredos da G. P. U., famosa policia secreta dos soviéticos, servem de entreecho a uma nova produção da «Columbia», que se chamará «A morte de Nikolai Kourboof». O realizador deste filme é o grande artista Lewis Milestone que se encontra actualmente em Moscovo, estudando o ambiente em que a acção se há de desenvolver.

Conforme os jornais noticiaram, Sylvia Sidney que interpretava actualmente o filme «Caminho de Amor» ao lado de Maurice Chevalier, abandonou de súbito o seu trabalho e dirigiu-se de avião para Nova York, donde é sua intenção embarcar com destino à Europa. Esta partida inesperada lançou os produtores na maior confusão.

Grande parte do filme encontrava-se já realizado, e vai ser difícil encontrar nova *partenaire* para Chevalier. Os prejuízos que esta atitude da célebre artista causam sobem a mais duma centena de milhares de dólares. É a primeira vez que um acontecimento destes se produz e, a seu lado, os famosos desaguidados entre Sternberg e Marlene Dietrich carecem de importância. Sylvia Sidney justificou a sua resolução por falta de saúde. Sabe-se, de facto, que fizera poucos dias antes, uma operação à garganta. Mas esse facto não é suficiente para



Jane Brewster, que passou do palco para o cinema

explicar uma decisão tão grave, nem uma extensa e apressada viagem à Europa pode ser considerada como regime de repouso.

Existe, portanto, uma razão secreta que determinou a actriz a proceder de tão singular maneira. A menos que se trate dum recurso dos encarregados da propaganda do filme...

Roosevelt, presidente da republica dos Estados Unidos e personalidade de destaque em todo o Mundo pelo seu famoso programa de reconstrução económica, vai aparecer como personagem incidental no filme de Edward Robinson «Amei uma mulher». A figura popular do Presidente será interpretada por Ratcliffe, um actor inglês, que prepara uma composição de impecável semelhança.

Para combater o desemprego dos artistas, o Governo alemão estabeleceu que, de futuro, não seja permitido a nenhum actor acumular ocupações no estúdio com ocupações no palco.

Esta medida tem caracter transitório, tendo sido recebida com escepticismo, pois é convicção geral que os seus resultados serão insignificantes em relação ao enorme prejuizo que traz à arte tanto teatral como cinematográfica.

As aventuras amorosas de Napoleão III servem de tema ao argumento de «La Savelli», filme extraído duma peça teatral a que Pola Negri vai interpretar para o cinema em versão francesa.

René Clair deve iniciar em Berlim, no dia 15 de Outubro próximo, a realização do filme que, segundo fora primitivamente fixado, devia realizar em Londres. Além da versão inglesa, espera-se realizar também outras em francês e alemão.

Como os jornais noticiaram, Adolph Menjou vai divorciar-se. Sua mulher Kathryn Carver intentou contra êle um processo de separação, baseado em infidelidades conjugaes e crueldade mental.

Já há alguns meses que os dois esposos viviam separados, por terem concluído não lhes ser possível chegar a um entendimento. Segundo Menjou, Kathryn recebeu nessa ocasião metade da fortuna que o actor possuía. Mas ao que parece isso não a satisfaz de modo que exige agora perante os tribunais que seu marido lhe entregue 500.000 dolares, ou seja o total de todos os seus haveres. Tão injusta é, contudo esta pretensão, que parece natural que a decisão do tribunal lhe não seja natural.

O que há de curioso em toda esta triste história, são as revelações de Kathryn Carver na audiência, que dão do conhecido actor um aspecto bem diverso daquele que lhe atribuem os seus admiradores do *écran*. Assim, o homem sedutor e cheio de suavidade seria na vida íntima um sujeito grosseiro de hábitos deploráveis. Sua mulher conta que êle lhe mentia constantemente; que tinha um caracter sombrio e trasevel chegando por vezes a ameaçá-la com um revólver; e que se embriagava frequentes vezes.

Há decerto exageros nesta implacável acusação e, talvez mesmo, um mesquinho sentimento de vingança. Em todo o caso, não se pôde deixar de pensar ao ouvi-la, como em muitos casos a verdade está longe das aparências ilusórias do *écran*.

Abel Gance prepara uma inovação que está talvez destinada a revolucionar toda a arte do fonocinema.

Até agora o espectador dum filme sonoro escotava sons em tudo semelhantes aos que se podem ouvir num teatro. Falava-lhe, portanto, poder ouvir as perspectivas sonoras que não cabem dentro dos limites do palco e que o cinema não conseguia ainda proporcionar-lhe.

A isso pode-se chamar o relevo sonoro e para o conseguir recorrer-se-á não a um único centro emissor de som, mas sim a um sistema de re-

Às vezes também sucedem em Portugal coisas que só lá fora — «no estrangeiro» — costumam acontecer. Mas é tão raro, tão pouco vulgar, que custa a acreditar. O indígena, ao princípio, ao começar a ouvir referências «à tal coisa», mostra-se céptico, julga que é boato, encolhe os ombros com descrença. A certa altura, porém, não tem mais remédio senão render-se à evidência. E então, conforme a sua natureza, entusiasma-se e aplaude ou arrelia-se, morde-se de inveja e entra a dizer mal.

Pois bem, leitores da *Ilustração!* Vós, que pertenceis certamente à primeira espécie, preparai-vos para aplaudir! Ides ficar todos entusiasmados! Leiam bem: Em Portugal começa-se a produzir filmes de categoria internacional!

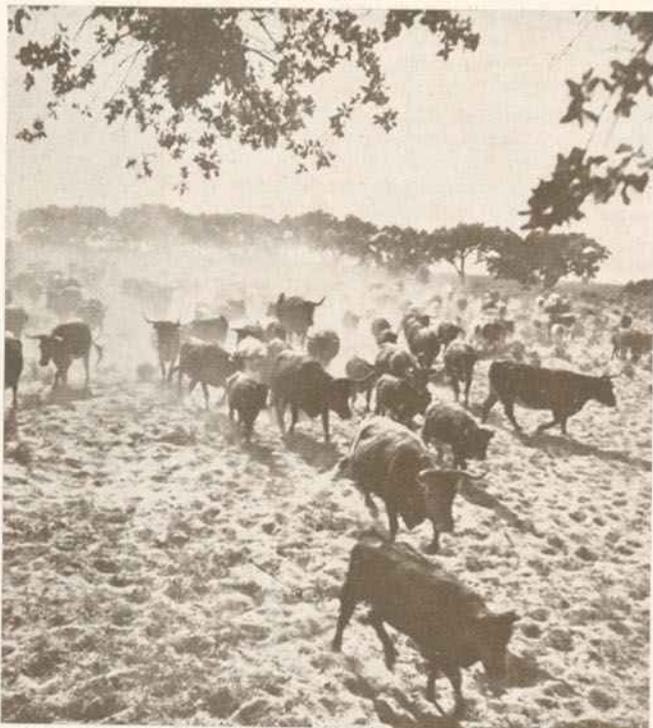
H. da Costa, que é português mas não tem os vícios dos portugueses, e que, além desta imensa qualidade, possui outras também muito pouco banais, atacou o problema da produção cinematográfica no nosso país, à sério e a fundo, com visão larga e segura. Fundou o *Bloco H. da Costa*, vasta organização que dispõe de vastos meios. O *Bloco* vai produzir filmes, filmes que têm necessariamente de ser tão bons como os bons filmes estrangeiros, porque as produções do *Bloco* não serão exibidas só em Portugal e colónias, mas em todos os grandes e pequenos países do mundo. Mais: o *Bloco* não vai produzir um filme — vai produzir filmes... *ad aeternam*. Trata-se — portanto — duma produção contínua, regular, sistemática, de expansão mundial.

Para se conseguir este resultado não podem servir quaisquer meios. Isto é intuitivo. Logo H. da Costa prestou a maior atenção a esses meios. Assim, entregou a orientação técnica da produção a alguns elementos estrangeiros de maior valor: Max Nosseck, Gartner, Lippschitz, Philippi, Hans May... Entregou a realização do primeiro filme a António Lopes Ribeiro, a pessoa de quem, entre nós, é lícito esperar mais no campo cinematográfico, encarregou Luís de Freitas Branco de compor a música e António Boto de escrever os versos.

Enfim, nomes que dizem alguma coisa...

E o primeiro filme começou a ser manivelado. Chama-se *Gado Bravo*. A sua acção — movimentada e vigorosa — situa-se no Ribatejo, entre touros e campinos, sob o sol estuante de Agosto, a recortar-se, no fundo vasto e típico da lezíria.

Este é, sem dúvida, um dos «climas» do nosso país mais ricos em colorido e fotogénia, de maior pitoresco de costumes, e que mais interesse e originalidade pôde oferecer para uma plateia



CINEMA

Uma produção nacional

estrangeira. As várias fases da criação dos touros, as aparações, as ferras, as «tentas», as próprias corridas, são espantosos momentos de beleza, animados, dinâmicos, vigorosos. Os principais trabalhos agrícolas da região, as ceifas, as debulhas, as lavouras, nos seus aspectos mais característicos e mais ricos em cor, movimento e pitoresco, são cenários de ideal valor para emoldurarem as peripécias da acção.

Tudo isso perpassa no filme, enriquecendo-o, perfeitamente integrado nele, servindo sempre de fundo aos vários episódios da intriga ligado sempre à acção, portanto.

Mas o filme não é somente um documentário, do Ribatejo. A novela possui as necessárias qualidades de emoção e interesse para se impôr,

como elemento da película. Hão-de fazer sensação as figuras, cuidada e poderosamente vincadas, da cantora de *music-hall*, mulher que perturba como um vinho capitoso e enfeitiça como um sortilégio malfeizo, do lavrador-cavaleiro, espírito recto e gentil de português de boa tempera, do ridículo Jackson, o *manager* da cantora, em que Siegfried Arno terá um dos seus melhores triunfos, da doce e simples rapariga da nossa província, que Nita Brandão incarna admiravelmente.

Os dois papéis primeiro apontados estão a cargo de Lily Gebauer, artista vienense de renome e de Raul de Carvalho, o esplêndido actor que nos habituámos a aplaudir. Nos restantes papéis verão Artur Duarte, Alvaro Pereira e Mariana Alves.

Em conclusão: o assunto merece toda a simpatia e o cast inteiro confiança.

Há um mês que se trabalha sem descaño Primeiro do lado sul do

Tejo, em plena campina, sob um calor impressionante. A «base» era em Samora Correia e de lá se irradiava para os arredores. A camaradagem entre alemães e portugueses estabeleceu-se instantaneamente. O entusiasmo de todos pelo árduo trabalho chega a espantar. Não há temperatura que o vença. Confortam-se de vez em quando com uma talhada de melancia, e o trabalho continua.

Um mês de filmagens — e de que filmagens! — é já fonte abundante de peripécias de diferentes naturezas. No campo, com os touros, alguns viram tratos de polé. Gartner, agarrado à sua Debrise, tem-os enfrentado com uma coragem fria, meritória mesmo num campino. A Olly recebeu uma vez a visita de um braço de cinco anos, quando descansava à sombra duma oliveira, e isso ainda hoje a faz descorar de pavor.

Agora a caravana acampou num velho palácio dos arredores de Vila Franca.

É um edifício enorme, de corredores profundos, salas vastas como praças públicas, escaninhos complicados e escuros.

Diz-se nos arredores que aparecem por lá almas do outro mundo. Isso soube-se no grupo, com alarme das senhoras. Nas primeiras noites houve quem não pregressse olho. Mas, como as almas do outro mundo se recusassem a aparecer, o Duarte mascarou-se de fantasma e pôs-se a deambular pelos corredores, gemendo com convicção. A certa altura perdeu-se e, sem saber como, foi ter à adega da casa, onde dormia um jornalista.

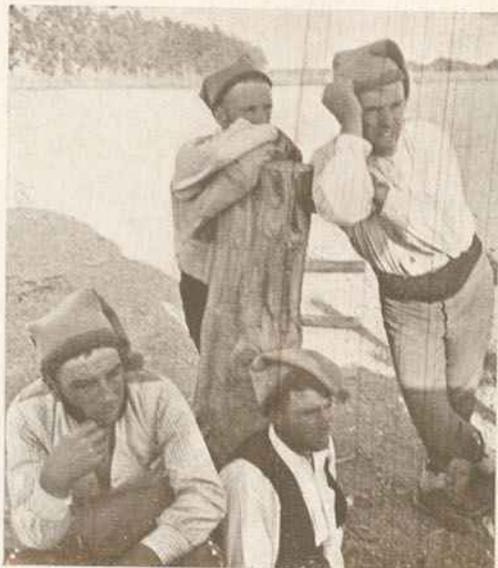
O homem, pelos vistos, não é bom de assoar, pois, se o Duarte não se explica tão depressa, tinha levado uma sova com um fuciro! Esta perspectiva fez-lhe perder o gosto pelos fantasmas.

Logo ao despontar da manhã, a caravana parte. Chega ao local da filmagem. Imediatamente se põe tudo a postos. Cada um dentro das suas atribuições desenvolve o máximo de actividade. Todas as cenas são meticulosamente preparadas, repetidas e filmadas.

Nos momentos de folga todos riem, brincam e falam. Mas logo que começa o trabalho, todos se transformam. E há tanta fé, tanta boa vontade e tanta segurança em tudo quanto fazem que, quem os veja trabalhar um momento, adquire imediatamente a convicção inabalável que *Gado Bravo* irá ser um grande filme.

Portanto, pessoas confiadas que lerem estas linhas! Fixem bem: *Gado Bravo* vai ser um grande filme!

E vós outros, S. Tomé incrédulos, esperem até Outubro, e depois falaremos! — D. M.



Três aspectos do filme «O gado bravo»

O primeiro ministro da Polónia em Lisboa



No Palácio de Belem realisou-se ha dias a cerimonia da entrega das credenciais que acreditam o sr. Marjan Szumlakowski, como ministro da Polónia junto da República Portu-

novo diplomata dois breves discursos. Depois, houve uma curta conversa particular e o representante da Polónia retirou-se com o mesmo cerimonia do entrada. Mais tarde, o sr. Marjan

ali aguardados pelo sr. tenente-coronel Esmeraldo de Carvalhais, que representava o ministro da guerra e capitão Luís Santana, chefe do protócolo do ministério da Guerra. No final



guêsa. O representante da República da Polónia, foi recebido pelo sr. dr. Vaz Sarařana e Barreto da Cruz, que o introduziram na sala Luís XV. Trocaram-se entre os sr. general Carmona e o

sul do seu país, sr. engenheiro René Touzet, foi depôr uma cruz com rosas vermelhas e brancas, cōres nacionais polacas, no Monumento aos Mortos da Grande Guerra. Eram

Szumlakowski, acompanhado pelo seu adido e pelo consul do seu país, sr. engenheiro René Touzet,

da cerimonia, em nome do Exercito, o sr. tenente-coronel Esmeraldo de Carvalhais agradeceu o acto realizado.

As nossas gravuras, representam a chegada a Lisboa, a entrada no Palácio de Belem e o novo ministro polaco junto do Monumento aos Mortos da Guerra.



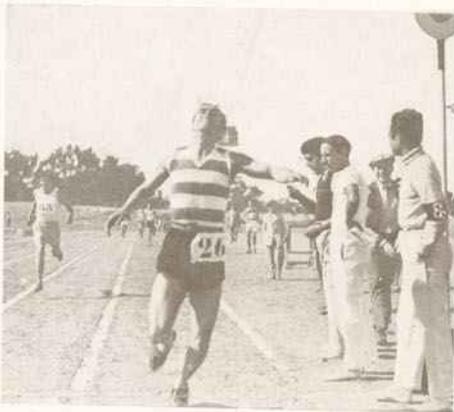
A equipe de 4x200 metros do «Sporting», campeã de Lisboa, num dos melhores tempos portugueses

A Taça Davis mudou de residência. Após seis anos de permanência em Paris, fatigada talvez da atmosfera bulhosa da cidade da luz, emigrou, foi procurar um pouco de repouso para o ambiente melancólico dos nevoeiros de Londres.

Termina assim a época do predomínio mundial dos tenistas franceses, que não souberam encontrar nas falanges moças que ocupasse dignamente a sucessão dos Lacoste, dos Borotra, dos Cochet. Fica demonstrado também que a supremacia de uma nação em matéria de jogos desportivos, não depende de uma escola ou de uma técnica privativa, mas sim da classe das individualidades do momento.

A América foi senhora da Taça Davis enquanto o prestigioso Tilden dominou os competidores; Cochet arrancou-lhe o senhorio pela força desigualada da sua mestria, e agora, na lei imutável dos tempos, Perry e Austin ascenderam por sua vez ao empório da glória.

Pode reconhecer-se que a perda da competição pela França era uma coisa esperada; Bo-



Henrique Carmo, do «Sporting», classifica-se em primeiro lugar nos 1.500 metros

rotra, o salvador da Taça em 1932, declarou categóricamente a sua recusa a qualquer selecção para os encontros singulares, sentindo-se falho de resistência para lhes suportar as responsabilidades. Por seu lado Cochet acusava sintomas de declínio; batido pelo australiano Crawford no campeonato de França e pelo americano Vines no torneio de Wimbledon não era já o prestigioso dominador dos «courts».

Na fase final da Taça, quando as sucessivas eliminatórias haviam deixado unicamente e frente a frente Estados Unidos e Inglaterra para decisão do futuro adversário da França, nenhum prognosticador prudente se arriscava a qualquer vaticínio que não fosse favorável aos jogadores de Além-Atlântico.

Vines, eliminado Crawford, era o primeiro jogador do mundo; o par Lott-Van Ryn tinha lóros de invencível; Allison equivalia aos melhores.

A contrapôr, os representantes ingleses, Perry e Austin, o homem que lançou a moda de jogar o tennis em calções, pouco haviam luido nos torneios internacionais, dando provas de fadiga prematura. Pareciam vítimas previamente condenadas.

A fôrma desportiva tem, porém, caprichos femininos. Chegado o momento oportuno, mostraram-se os americanos exaustos por um treino exagerado e contra-productivo, sucumbindo sem remissão ante a ascensão inesperada dos dois ingleses. Austin e Perry ganharam, cada

A quinzena desportiva O ATLETISMO EM PORTUGAL E A RENHIDA LUTA DA "TAÇA DAVIS"

um, os seus dois encontros singulares, e os americanos regressaram pesarosos à Pátria, desiludidos uma vez mais nas esperanças com tanto carinho acalentadas.

A luta, até final, foi ardentemente tra-



Alfredo da Silveira, C. I. P., corta o fio da chagada nos 300 metros

vada e concluiu em ambiente de tragédia; Vines, no encontro derradeiro contra Perry, virtualmente batido já, exausto, arrastando-se à força de energia, ao servir a última bola do último ponto do último jogo, caiu desmaiado no solo sendo necessário levá-lo em braços para fóra do terreno, tal o seu estado de esgotamento.

Apurados por esta fôrma os jogadores britânicos para defrontar os gauleses, as esperanças reffloriram no campo destes últimos, pois os consideravam — apesar da sua fôrma excepcional — menos perigosos do que os «yankees». De facto, Cochet vencera sempre nas anteriores competições Perry ou Austin, enquanto fóra sempre batido por Vines.

Embora o segundo jogador francês de singulares, qualquer que êle fôsse, se devesse considerar antecipadamente como inútil, a vitória certa de Borotra-Brugnon e os dois pontos presumíveis de Cochet asseguravam à França mais um ano de soberania.

Os cálculos saíram errados num único factor, mas tanto bastou para inverter a situação final: Perry venceu Cochet em cinco partidas, e a Taça Davis atravessou o estreito.

A Inglaterra é campeão do mundo em tennis em 1933.

Entrevistado por um jornalista, depois

da sua derrota fatal, Cochet aceitou muito desportivamente a situação, justificando-a da maneira seguinte, numa filosofia amarga de quem reconhece a lei do mundo: — «Quando venci Tilden e conquistei a Taça Davis para a França, tinha



Manuel Dias do «Sport Lisboa e Benfica», vencedor dos 3.000 metros

eu 25 anos e êle 32; hoje tem Perry os meus 25 anos e tenho eu os 32 de Tilden!»

Pôde considerar-se terminada a época de atletismo de 1933; realizados os campeonatos nacionais e disputado o clássico Porto-Lisboa os atletas guardam sapatos e equipamentos que só voltarão a sair do armário nas primicias da época futura.

Há onze anos já que a Federação actual foi criada e os esforços dos dirigentes procuram por todos os meios o progresso da especialidade. Se compararmos o valor presente do nosso atletismo ao que êle tinha em 1922, a diferença é sensível e a melhoria apreciável. Mas há um certo número de anos, uns quatro ou cinco, que estagnamos na mesma mediocridade, porque aparte muito raras excepções os records da tabela portuguesa não atingem sequer a suficiência.

Volvida mais esta época, durante a qual foi realizado em Lisboa um apreciável esforço em prol dos novos, de prováveis conseqüências benéficas num futuro próximo, a análise ingrata da crítica não conduz a conclusões jubilosas. De nada servem considerações fanta-

siósas, ecnômios despropositados ou entusiasmos infundados.

O verdadeiro progresso conseguir-se-á reconhecendo as deficiências atuais, apontando os erros e defeitos para que possam ser corrigidos.

Os grandes males de que enferma o atletismo português são três: carência de técnicos, falta de pistas, insuficiência de preparação.

A carência de técnicos é, no momento presente, impossível de remediar; o atletismo é uma ciência difícil e a competência não se improvisa apenas com boa vontade.

Os raros apaixonados que haviam dedicado à especialidade estudo e trabalho, começam a sentir um cansaço natural após tantos anos de persistência, vã, porque não conseguiram criar discípulos.

As colectividades praticantes são as mesmas de sempre, e quando aparece alguma nova, ascende pelo valor dos atletas que vai colher já feitos a outras equipas, e não por aqueles que prepara em escola própria. Agravando a situação, a ausência de pistas e terrenos adequados à corrida, prejudicando a classe das performances realizadas e sujeitando os músculos e articulações dos atletas a choques demasiado rudes e esforços contraproducentes. No final, complicando tudo, a deficiência de preparação dos atletas, que exploram a própria classe sem procurar melhorá-la pela fôrma; treino errado ou deficiente, na maioria por impossibilidade



Sarsfield e Fernando Prata na chagada do campeonato nacional dos 100 metros



Uma linda attitude do atleta do «Sporting» José Garnel no lançamento do peso

profissional ou quasi sempre por preguiça.

Por isso acontece que na lista dos campeões de Portugal figura um homem, Pascoal de Almeida, que conquistou em 1914 o seu primeiro campeonato e cuja preparação se limitou a um escasso mês e meio de treino; apesar dos seus trinta e oito anos, as faculdades naturais permitiram-lhe bater com brilhantismo todos os adversários mais novos, atingindo uma altura que é o record da época.

O mesmo se passa na falange de lançadores; Garnel e Herculano Mendes não têm competidores que os aproximem, e o número de concorrentes aos concursos é cada vez mais escasso. Entre os corredores encontramos dominando a situação, um Manuel Dias, um Alfredo da Silveira, um António Sarsfield, cujos nomes figuram já na tabela de campeões de há uma boa meia dúzia de anos. Onde estão pois os progressos? Na boa vontade dos dirigentes ou no entusiasmo dos críticos.

Salazar Carreira.

Festas de caridade

«NA QUINTA DA CARTAXEIRA»

Organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que faziam parte D. Almerinda Peixinho, D. Conceição Botelho, D. Conceição de Melo Breyner Cabral, condessa de Vale de Reis, D. Elen Norton, D. Gladis Norton, D. Maria do Carmo da Câmara (Belmonte), D. Maria Emília Afonso, D. Maria de Lourdes Vanzeller, D. Maria Manuela d'Orey e D. May Norton, realizou-se no dia 6 do corrente, um grandioso festival de caridade, na encantadora quinta da Cartaxeira, em Carcavolos, gentilmente cedida pelos seus proprietários, cujo produto se destinava a várias obras de beneficência.

O grandioso festival decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, vendo-se ali reunidas as principais famílias de Carcavolos, Estoril, Cascais e Sintra.

Casamentos

Em capela armada na elegante residência da sr.^a D. Jesuína Peixoto, viúva do sr. Inácio Peixoto Espírito Santo, realizou-se o casamento de sua gentil filha D. Maria Helena, com o sr. Fernando Paiva, importante proprietário, filho da sr.^a D. Carlota Mottilli e do sr. António Lopes de Paiva, já falecido.

Fôram madrinhas as mães dos noivos, e padrinhos os srs. dr. Clarimundo Vitor Emílio e António Lopes de Paiva, irmão do noivo.

Celebrou o acto religioso, o reverendo prior de S. Sebastião da Pedreira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia religiosa, durante a qual fôram executados vários trechos da música sacra, pelo organista sr. Alberto Fernandes, foi servido no salão de mesa, um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para a sua quinta da Raposa, em Mafra, onde fôram passar a lua de mel.

— Realizou-se com grande brilhantismo, na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Maria Amélia Cabral Coimbra Dias Ferrão Castelo Branco, interessante filha da sr.^a D. Flora Cabral Coimbra Dias Ferrão e do sr. dr. José Maria Dias Ferrão, membro da comissão administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, com o sr. dr. Manuel da Veiga Malta de Paula Nogueira, filho da sr.^a D. Verdiana Malta de Paula Nogueira e do meretíssimo juiz sr. dr. José Augusto de Paula Nogueira.

Serviram de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Verdiana da Veiga Malta e de padrinhos os pais dos noivos.

O acto religioso, foi celebrado pelo reverendo António Pereira de Oliveira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, á Avenida Duque de Ávila, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles» partindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Com muita intimidade, realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Eugénia Macedo Salgado, gentil filha da sr.^a D. Emília Macedo Salgado, e do sr. Joaquim Alves Salgado, com o sr. José Frederico Duff Burnay de Mendonça, filho da sr.^a D. Maria Duff Burnay de Mendonça e do sr. José Honorato de



Os noivos — sr.^a D. Maria Bettencourt Rebelo e o sr. Pierre de Benaucet — no dia do seu casamento

VIDA ELEGANTE

Mendonça, já falecido. Foram padrinhos por parte da noiva a sr.^a D. Maria Helena Ferreira Neves e o sr. José Ferreira Neves e por parte do noivo sua avó materna, a sr.^a D. Maria Virgínia Duff Burnay e seu tio paterno sr. Afonso Zuzarte de Mendonça.

Terminado o acto religioso, foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para a Herdade do Monte da Barca, em Coruche, onde foram fixar residência.

— Do jornal italiano «Il Messagero», de Roma, recortamos a seguinte notícia: «Realizou-se na capela do palácio dos srs. marqueses del Trete de Belmonte, no Venafrò, Nápoles, o casamento do barão Raymund Carbonelli de Letino dos duques de Simari de Calabriá, secretário da legação e consul de Itália, irmão da Baroneza de Carbonelli (sr.^a D. Cecília de Arenas Lima), filho do falecido Intendente de Finanças de Roma, e da Baroneza Carbonelli, Marquiza de Aulísio, com a sr.^a D. Francisca de Belmonte, filha do grande proprietário de Venafrò, marquês Del Prete de Belmonte, sobrinha do embaixa-



Casamento da sr.^a D. Maria das Neves Duarte Nunes com o sr. dr. Jorge Gonçalves do Amaral

dor-marquês Imperiali, dos príncipes de Francavilla, cavaleiro da «Suprema Annunziata» e da princeza D. Joana Colonna de Paliano.

Padrinho do anel foi o marquês Imperiali, tio da noiva e testemunhas o marquês Antici-Mattei, dos príncipes Mattei-Duques de Gióve, primo do noivo; o senador marquês Nunziante di San Ferdinando, o deputado Frignani, director do Banco de Nápoles e S. F. Cancelliere; secretário de Mussolini.

Os recém-casados partiram para o seu posto na Argentina.

Acêrca da família Carbonelli, vem a propósito referir que pelos anos de 1370 a 1380, foi Vigário Geral de Lisboa, D. Guilherme Carbonelli, ao tempo que o cardeal príncipe Colonna, D. Agapito, era bispo de Lisboa, os quais por mandado do Papa Gregório XI, tomaram juramento de promessa ao Rei de Portugal, D. Fernando, para casar com a Infanta D. Leonor de Castela, filha de Henrique II, promessa não cumprida pelo Rei, devido á sua união com D. Leonor Teles.

— No Porto, na paróquia do Bomfim, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Isabel de Matos Vilas Boas, gentil filha da sr.^a D. Margarida Isabel de Matos Vilas Boas, e do sr. José

Maria de Vilas Boas, com o sr. Eurico (esar Eugénio, filho da sr.^a D. Ana das Neves Eugénio, e do sr. Júlio José Eugénio, já falecido.

Serviram de padrinhos por parte da noiva seus pais e por parte do noivo sua mãe e seu cunhado o sr. Ribeiro da Cunha.

Celebrou o acto religioso, o reverendo prior, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

— Realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria das Neves Duarte Nunes, filha da sr.^a D. Ana Duarte Nunes e do sr. Luciano Nunes, já falecidos, e irmã do sr. Alberto Duarte Nunes, com o sr. dr. Jorge Gonçalves do Amaral, cirurgião-dentista, filho da sr.^a D. Antónia Gonçalves Ferreira e do sr. Francisco do Amaral, já falecido.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, a mãe e o padrasto do noivo, sr. dr. Luís Gonzaga Ferreira, e por parte do noivo seus tios, sr.^a D. Júlia Matos Almeida e sr. Norberto Matos Almeida.

Finda a cerimónia religiosa realizada, na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, foi servido um finíssimo lanche em casa dos irmãos da noiva, partindo os noivos afim de passar a lua de mel para a sua propriedade das Mercês, perto de Sintra, donde seguiram para a sua casa de Melo, na serra da Estrela.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Maria Júlia Sampaio Rio de Almeida d'Eça, esposa do alferes de artilharia sr. Victor Maria de Moura Coutinho de Almeida d'Eça.

— A sr.^a D. Maria Albina Cardoso Carvalho da Costa, esposa do sr. Nuno Taveira Carvalho da Costa, teve o seu bom sucesso.

Mãe e filho encontram-se de perfeita saúde.

— Na sua casa do Estoril, teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Helena Marques Gomes Cerejeiro, esposa do alferes sr. João Augusto Sousa Cerejeiro, tendo intervindo o distinto cirurgião sr. dr. Luís Quintela, médico da Misericórdia de Cascais.

Mãe e filho estão felizmente bem.

D. Nuno.

VENEZA — Veneza é uma cidade que hora a hora vai prendendo o visitante. O que a princípio nos parece defeito, torna-se qualidade. As primeiras horas que aqui passei tinha verdadeiro horror às «sculles», estreitos becos. Agora um dos meus maiores prazeres é vagabundear por esses becos, passar as pontes sobre os canais internos, tomar conhecimento com a verdadeira vida veneziana, e não aquele ambiente teatral para estrangeiros. Veneza é a cidade das recordações. Todos os dias passo umas poucas de vezes diante do palácio Vendramin, esse palácio belo sobre o grande canal, onde viveu Ricardo Wagner e onde morreu, saindo pela porta do palácio de noite o seu corpo para uma gôndola funerária. A descrição do seu entêrro está magnificamente feita por Gabriel d'Annunzio no «Fogo». As melhores horas que tenho passado em Veneza foram as desta manhã, tôda dedicada à Academia, o museu de pintura de Veneza. Vi em Milão a Galeria Morera, tenho visto quasi todos os bons museus de Itália, mas posso dizer que a Academia é um dos que mais profundamente me tem agradado. Rico em quadros de Paolo Veronése, de Tintoretto e de Zicpolo, possui também muitos de Bellini e Palma Necchio. Os melhores Canaletto que existem e os graciosos quadros de Laughi, que nos mostram a graciosa época setecentista de Veneza. Os quadros que mais me impressionaram foram o «Adão e Eva», de Tintoretto, de uma verdade e de uma beleza de colorido extraordinárias, «O espanhalício de Santa Catarina», de Veronése, rico de côres e belo de desenho. A «Anunciação», de Veronése, que é soberba porque é a única em que a Virgem tem o aspecto do susto, tão natural com a aparição do Anjo, e «Abraão visitado pelos três anjos», de Zicpolo. A suavidade deste quadro, a transparência das côres, o desenho leve, mas esplêndido, deixou-me embevecida. Queria afastar-me e não podia. Tem uma coleção de desenhos soberba, de Anibal Carraci, Zicpolo, Mantegna e outros, e eu que adoro desenhos não conseguia abandoná-los. Nunca esquecerei a Academia, porque vivi nela horas que marcam. Há em Veneza uma coisa muito interessante: os jardins. Há palácios que conseguem ser um quadrado ajardinado cheio de árvores, que têm um ar de ramos de flores em jarras, do mais gracioso efeito. Mas tem também verdadeiros jardins, o jardim público é muito bem tratado e com a mais linda vista que um jardim público pode ter. Na parte mais larga do canal, no caminho do Lido, tem na sua frente as ilhas e a cidade, vendo reflectir-se nas águas o palácio doges e Santa Maria della Salute. É um jardim que pede recolhimento e meditação, mas tão suave o seu ambiente que é doce o pensar ali. Há ainda em Veneza uma beleza de que ainda não falei e vai interessar as senhoras: as rendas, esse ornamento que não há mulher que não adore, e que é interessante observar, é sempre uma indústria da beira-mar. Nasce nas mãos das mulheres que sonham junto das vagas fortes do Atlântico, ou nas mãos daquelas que sonham em margens de canais de águas tranqüilas, como em Bruges ou em Veneza, à beira da suave laguna. As rendas estão hoje industrializadas, obra da falecida rainha Margarida, que fundou o Instituto de Burano, de onde saem as mais lindas rendas, de um grande relevo



Maria de Eça.

A moda

PARA as noivas a moda poucas variantes tem, dentro duma estação do ano. Uma maneira diferente de colocar o véu, um corte variado do vestido, mas a moda geral é sempre a mesma. Mas como as meninas em geral, e, sobretudo, quando estão para casar, gostam de ver novas «toilettes», novas maneiras de se adornar, sempre que uma linda «toilette» de noiva se nos oferece nós tratamos de a apresentar às nossas leitoras, sabendo que com isso lhes damos uma grande alegria. Hoje têm para se inspirar as mais lindas «toilettes» de M.^{lles} de la Claufade. São dois lindos vestidos de noiva, a que os toucados diferentes imprimem uma nota verdadeiramente original. Como vestidos de noite para Casino, têm as nossas leitoras dois lindos modelos à escolha de «organdi», a fantasia actual da moda, duma grande elegância e novidade. São do maior «chic».

Um deles é em «organdi» fundo branco com riscas em vários tons de vermelho. As mangas elegantíssimas, são duma enorme actualidade. Um cinto em veludo vermelho dá-lhe um aspecto elegantíssimo. Este vestido convém apenas às mulheres altas e muito magrinhas. Em compensação o outro que o acompanha fica bem a tôdas as estaturas. Em «organdi imprimé», é da maior simplicidade o seu corte e duma bela linha. Como abafo temos o lindo e simples modelo de Chavel em «velura», o novo veludo, preto e forrado do mesmo tecido em branco. Foi escada para a elegantíssima Marquise de la Falaise, que o usa com a sua natural distinção. Nada pode haver de mais simples e mais gracioso. Para «toilettes» de viagem ou de passeio em automóvel nada mais próprio do que o vestido que damos, em tecido de malha de lã de máquina, que faz um lindo «tailleur» completado pela «écharpe», em castanho e bege, que forma um lindo e moderno complemento ao vestido, que é também bege. Sapatos castanhos, meias bege e uma ligeira boina formam um todo dos mais modernos e verdadeiramente elegante. Para praia e desporto, «Chandailles» e chapelinho em «tricot», num facilimo ponto que pode perfeitamente ser executado por qualquer senhora. Numa côr clara, azul pastel, «vieux rose» ou amarelo limão, faz um gracioso

VIDA FEMININA

umas, outras leves como espuma, e tôdas de uma inegável beleza que as torna inimitáveis. Há ainda a indústria dos vidros de Murano, interessantíssima, onde são feitos todos os belos vidros de Veneza, que inundam o mundo. Desde os lustres, os serviços de copos, as taças, as guarnições, os colares, que são agora a tentação das mulheres, tudo ali se fabrica, e que belezas e tentações ali há. Uma das coisas a visitar em Veneza é a igreja «dei Frari», dos Franciscanos. Aqui onde tôdas as igrejas são lindas, esta marca pela sua sumptuosidade grandiosa. Há nela túmulos magníficos, e é muito interessante o túmulo de Canova, que foi no princípio do século passado um distintíssimo escultor. A gente do povo é engraçada, as mulheres de uma graça leve, envolvem-se com distinção nos chailles de sêda negra de longas franjas, e têm em si um ar tão senhoril que torna belas mesmo as que o não são. Há qualquer parecença no seu traje com a espanhola, sobretudo nas velhas, e as novas não têm o «salero» da espanhola mas em compensação possuem a distinção que esta não tem. O dialeto tem qualquer coisa de espanhol. Foi ontem aqui a festa da Uva, festa popu-

«complet». O gracioso chapelinho é feito com uma tira do mesmo ponto, com o tamanho da cabeça, frange-se a certa altura e a borda que sobra revira-se, fazendo a guarnição. A novidade da «chaudaille» consiste na gola, que é verdadeiramente moderna, faz-se a gola alta e volta-se de novo, formando uma gola alta do mais gracioso efeito. A moda está sempre a trazer-nos coisas novas e gentis para nos tornar mais belas.

Receitas de cozinha

Pescada com camarão. — Escolher uma boa pescada, depois de bem amanhada, e bem lavada, enxugá-la, cortar-lhe a cabeça e depois parti-la em postas da grossura dum dedo. Depois, à parte, descasar uma boa quantidade de camarão. Preparar um picado duma cebola, salsa e «champignons», untar de manteiga um tacho, salpicar a manteiga com o picado, pôr-lhe em cima bem apertadas umas contra as outras as postas de pescada, deitar sal e pimenta, salpicar com o resto do picado e depois cobrir tudo com o camarão. Molhar tudo com vinho branco que fique com uma altura, misturado com uma colher de molho de tomate. Pôr sobre um lume vivo. Quando está bem cozido o molho deve estar bastante reduzido. Serve-se no próprio prato em que é cozinhado. É um esplêndido prato que varia muito a forma de servir o peixe, que, como todos os alimentos, para não aborrecer, têm de ser servidos de variadas formas.

Um curso de oradoras

QUE se seja feminista ou não, favorável ou desfavorável ao direito de voto para a mulher, é necessário reconhecer que a questão tem feito caminho, e que, um dia ou outro, as mulheres de todos os países serão cidadãs, não só com deveres, mas também com direitos. Foi o que fizeram as francesas. Aos feministas que há tantos anos

consagram os seus esforços para atingir este fim, muitos havia que opunham a ignorância das mulheres em matéria política. As feministas respondiam que as mulheres se especializariam no estudo dos problemas, que são desprezados e que os mais inteligentes homens conhecem pior que a mais modesta mãe de família. Entretanto, aquelas que estão à cabeça dos agrupamentos feministas compreenderam que para as mulheres desempenharem com sucesso a sua nova missão, tinham mil coisas a aprender, e resolveram dar-lhes os conhecimentos que lhes faltavam. E assim foi criado um curso de oradoras. Como dirigentes estão à sua frente M.^{me} Kramer-Bach, advogada, Brunuschvig, Jeanne Valhot, Odette Seimon, Marie Jaldé, etc., todas propagandistas entusiastas do feminismo. Nesse curso que se realiza no Museu Social, de Paris, as futuras deputadas aprendem a arte extremamente difícil de expor um assunto, de interromper um orador, e de se manter quando são interrompidas.

Para completar o ensino daquelas que já estão desembaraçadas nas lutas oratórias, Madame Raymond Vattier, do Odéon, dá lições de dicção. Esforçam-se durante as sessões de criar a atmosfera das reuniões públicas e das assembleias parlamentares — que infelizmente tanto se parecem. Um júri composto das mais antigas feministas segue os debates, marca notas e faz a crítica de cada sessão.

E as futuras candidatas podem assim corrigir-se dos seus defeitos — de oradoras, já se sabe — e adquirir as qualidades que lhes darão os meios de se tornarem parlamentares perfectas.

Os perigos da electricidade

NAS casas modernas, com instalação eléctrica, emprega-se a corrente para vários usos. Os aparelhos de serviço multiplicam-se todos os dias. Oferecem uma grande comodidade, são relativamente baratos e não consomem muita electricidade. Mas esta comodidade tem o seu lado mau. Se a electricidade é um invento maravilhoso, é preciso não perder de vista que estamos perante o desconhecido, e que a ignorância, o descuido, a falta de precauções e de prudência podem ter graves conseqüências. Ainda que a corrente seja de baixa tensão, não deixa de ter perigos, a sua passagem no organismo. Determina uma paralisia do coração e do aparelho respiratório, que pode até, causar a morte. Estejamos sempre atentos, e é necessário não ignorar certos particulares necessários à nossa salvação. A epiderme é o principal obstáculo à corrente eléctrica, com a condição expressa que esteja seca; logo que a pele esteja húmida perde o seu poder isolador. Nada há de mais perigoso do que a pele molhada em contacto com a electricidade. É esta a razão



pela qual se recomenda de nunca tocar num aparelho eléctrico com as mãos molhadas. Comutador, fios condutores, lâmpadas, ferro de engomar, aspirador, feror de frisar, podem estar mal isolados. Quantas catástrofes se não têm produzido devido à falta de prudência, de reflexão e de serenidade das vítimas... Uma menina foi fulminada na sua banheira porque pegou com as mãos molhadas no ferro de frisar, porque se queria frizar dentro do banho. Uma cozinheira que ao cair da noite estava a lavar a loiça e deu volta ao comutador, que não estava em bom estado. Uma mulher a dias que procedia a uma grande limpeza e que passou um trapo molhado no quadro, para tirar o pó, sem cortar a corrente. Estas três pessoas foram electrocutadas imediatamente, sem ser possível socorrê-las. Quando salta um chumbo, o que é frequente, não se procede à sua substituição sem cortar a corrente. Não se empreguem nunca aparelhos cujos isoladores estejam defeituosos e fazer sempre com atenção aos fios despidos. Os comutadores são muitas vezes em madeira, mas a madeira não é boa isoladora para a electricidade porque humedece com facilidade. Deve preferir-se a chaveite ou o vidro. É preciso também ao fazer o contacto ter em atenção que a mão não toque na parte metálica dos aparelhos. Se tiver de socorrer uma pessoa electrocutada é preciso antes cortar a corrente, porque é arriscado de receber a electrocução por reflexo.

É preciso sempre fazer ver às crianças o perigo da electricidade e tomar todas as precauções, quando dela se usa, porque nunca são demais.



Os vestidos "Imprimés"

DECIDIDAMENTE não nos decidimos a abandonar, logo que o tempo aquece, os frescos vestidos «imprimés». Apesar da voga que neste momento têm os tecidos miúdos, vêem-se ainda numerosos vestidos de fantasia, e seríamos bem ingratas se nos queixássemos, porque êsses vestidos são a alegria personificada e ficam lindamente na estação de verão. Depois pode conciliar-se tudo. Há casos em que um vestido de côr miúda se impõe, é mesmo indispensável, mas sempre que podemos usar uma composição original porque é que o não faremos? Actualmente a moda tem uma tendência discreta. Esforça-se por encontrar uma feliz mistura de coloridos atenuados, evitando com o maior cuidado os contrastes muito violentos, de criar, enfim, tecidos de fantasia, permitindo usar os vestidos que êles compõem, sem que depressa nos aborrecamos dêles. Os «crêpes de Chine» ou «Morracain», utilizados principalmente para as «toilettes» simples, oferecem, de boa vontade, a disposição dos desenhos, em riscas e bolas, porque tôdas acham que êsses desenhos tornam um vestido muito fácil de usar. De resto, um grande sucesso acoheu êsses tecidos, tão bonitos e de tão sóbrio desenho.

Para as «voiles de soies», as «mousselines», o «crêpe georgette», destinados forçosamente a fazer uma «toilette» mais elegante, adaptam-se os motivos floridos, mais ou menos largos, segundo o género mais ou menos «habillé», do vestido. As flores, as folhas, destacam-se sobre um fundo miúdo, claro na maior parte das vezes. Ou então êste é completamente recoberto por um outro desenho de tom neutro, por exemplo pequenas riscas cinzentas ou «beiges». Nesta ordem de ideias criaram-se tecidos verdadeiramente encantadores, que fazem vestidos duma frescura deliciosa, que se coadunam com as paisagens encantadoras das vilegiaturas.

Variedades nos enfeites

NINGUEM pode negar que é em Paris que se conhece a arte de juntar a cada «toilette» a nota imprevista, nova e pessoal, com um detalhe, um enfeite, um cinto, uma gola, um lenço, uma fita. Tem-se imaginado tanta coisa, que se pode crer que nada de novo appareceria, mas em cada confecção é uma floração de ideias novas, uma quantidade de encantadores detalhes, em geral pouco caros ou pouco difíceis de realizar. É sempre fácil quebrar a monotonia dum vestido «tailleur», pode-se mesmo constatar que é raríssimo que haja duas mulheres que usem êsse traje da mesma maneira. Umás gostam das blusas em leiteio de camisa de homem, muito masculinas, outras preferem as blusas «lingerie», muito frágeis, outras ainda mostram uma marcada preferência pelas blusas em tecidos preciosos. Este ano algumas senhoras têm lançado a moda de usar com um vestido «tailleur», preto ou azul escuro, blusas muito



leves e vaporosas num tom muito vivo. Deve evitar-se o usar na «boutonnière» dum vestido alfaiate flores artificiais, porque na verdade há poucas que sejam verdadeiramente bonitas. Três malmequeres verdadeiros valem mais do que um cravo em «crêpe de Chine» ou um raminho de violetas em veludo. As flores falsas, as peles falsas e os diamantes falsos, não são de bom tom, e tôda a mulher que não tenha meios para ter o que deseja, deve saber, pelo seu bom gôsto, passar sem essas coisas. As capas e os casacos pequenos para a noite estão ainda muito em moda êste ano. Êles não se parecem nada com os do ano passado. Não devem ter gola e as mangas são enormemente trabalhadas e mesmo exageradas, alargando os ombros imenso. Uma das características é a côr em contraste



com os vestidos. Preto e vermelho, rosa e azul, branco e violeta. Mas são sempre lindos os vestidos brancos com os casacos brancos.

Novo museu

EM Vichy foi criado um novo museu, que possui uma rica coleção de quadros, gravuras, desenhos, livros e objectos diversos, referindo-se ao passado de Vichy. Mas as recordações mais interessantes, diz o «Figaro», são as que dizem respeito a Madame de Sevigné, que passava ali, muitas vezes, o verão. Desta agradável vilegiatura falava nas suas brilhantes cartas a sua filha Madame de Grignau. Mostrava-se, sobretudo, entusiasta pelas danças do tuvergue, que declara nas suas memórias danças atrevidas, que ultrapassam as dos ciganos. E a marquesa devia entender de danças. Não tinha ela muitas vezes dansado com o Rei? Ela lançou Vichy — como se diria hoje — fêz-lhe na côrte uma verdadeira propaganda às suas águas maravilhosas e à sua encantadora paisagem. As suas impressões contribuíram a decidir cem anos depois, as princesas Adelaide e Vi-

tória, tias do rei Luís XVI, a fazer uma cura em Vichy. A sua estada ali em 1775 teve conseqüências importantes, porque fizeram construir o primeiro estabelecimento termal e pode dizer-se que é de então que data a voga desta estação termal. Na primeira sala do museu há dois grandes arrazes. No primeiro, vê-se M.^{me} de Sevigné no meio dos seus amigos e contemporâneos, entre os quais a duquesa de Bréssai, uma beleza tôda artificial de tregeitos e «coquetismos», que inspirou à marquesa uma das suas mais divertidas cartas de Vichy. Na parede em frente está a tapeçaria que representa as duas princesas. O museu conserva a recordação de tôdas as pessoas imperiais e reais que foram a Vichy tratar-se nas suas salutaras águas. As mais interessantes dizem respeito a Napoleão II. Ele foi ali cinco vezes a seguir, de 1861 a 1866. Além dos retratos da família imperial e dos seus íntimos, há uma coleção de estampas que recorda a sua estada ali.

Uma gravura representa o imperador dando a mão à condessa Litta, cujo fino perfil parece ainda mais puro sob o chapéu de veludo preto ornado de plumas vermelhas. A imperatriz Eugénia foi ter com o Imperador em Julho de 1863, e vê-se no museu a sua graciosa liteira, branca e ouro, engrinalhada de rosas. Há uma gravura que a representa de braço dado com o imperador atravessando o país. Tem uma saia curta, um «bolero» e um delicioso chapéu redondo no género dos que as molistas parisienses lançaram êste ano.

Pensamentos

Um dia mais cedo, outro mais tarde, a diferença não é grande.

O amor é filho da Clemência, a Clemência é filha dos Deuses, sem ela todo o poder seria uma coisa odiosa.

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
I											
II											
III											
IV											
V											
VI											
VII											
VIII											
IX											
X											
XI											

Horizontais :

I — Nota de música. Pura. Pronome. II — Terreno que recebeu semente. III — Ornado de esplendor. IV — Corcovo. Capa sem mangas. V — Relativo a navios (pl.). Passo branco de linho. VI — Matisa. Parede de barro. VII — Moradia. Segano. VIII — Altar. Herdade dividida por marcos. IX — Que contém areia. X — O Novo Mundo. XI — Catedral. Tem muitos anos. Marchar.

Verticais :

1 — Pedra do moinho. Exclusiva. Do verbo ser. 2 — Aguçara. 3 — Mitigara. 4 — Possuir. Das aves. Espécie de avestruz. 5 — Letra do alfabeto. Andava. Três letras de anemona. 6 — Culpado. Espécie de enguia. 7 — Graça. Variação de pronome. Do verbo fazer. 8 — Nome próprio feminino. Do verbo dar. Som reflectido. 9 — Aromática. 10 — Faustoso. 11 — Qualquer. Espécie de choupo. Desinência verbal.

BRIDGE

Espadas. — Az., R, ♠, V.
Copas. — Az., D, 9.
Ouros. — —,
Paus. — D, V, 10, 9, 8, 5

Espadas. — 5, 4, 3, **N** Espadas. — — —
2. Copas. — R, V, 10
Copas. — 8, 7, 4, 2. **O E** 6, 5, 3.
Ouros. — R, D, V. **O E** Ouros. — 9, 8.
10, 7. Paus. — 7, 6, 4, 3.
Paus. — — —, **S** 2.

Espadas. — 10, 9, 8, 7, 6.
Copas. — — —,
Ouros. A, 6, 5, 4, 3, 2.
Paus. — A, R.

Trunfo é espadas; O ataca com o rei de ouros; a manca descobre o seu jôgo. S joga e dá schlem grande.

(Solução do número anterior)

A joga primeiro o As e depois a Dama de paus, que C cobre, jogando a seguir o 10 de copas. B faz o Rei e volta a copas para dar a mão a A. Este joga então o Valete de paus e depois uma carta baixa do mesmo naipe. B corta também o trunfo menor e põe na mesa o 10 de ouros, que A corta, jogando em seguida trunfo. B cobre, volta a trunfo e faz por fim a Dama de ouros.



ANEDOTAS

Entre amigas íntimas:

— Trazes hoje um vestido, que te fica mesmo uma perfeição ..
— Realmente é assim... Pena é ser uma fazenda tão ordinária...
— E' pena, é. A fazenda do teu é magnífica; mas queres que te diga a verdade? Não gosto de t'ó vêr; não te fica bem.

• • •

— Então, Serafina, a sua nova senhora tomou-a, quando vocemecê lhe disse que tinha estado ao meu serviço?
— Sim, minha senhora. E acrescentou mais ainda: que uma creada, que conseguiu estar com a senhora três mezes, devia ser, por força, muito boa creada!...

• • •

Entre pai e filho:

— Um financeiro é um homem que ganha muito dinheiro, não é, meu pai?
— Não, filho. Um financeiro é um homem que apanha muito dinheiro, ganho pelos outros.

• • •

Ele: — Deixa-me pensar um minuto!
Ela: — Olha que o médico recomendou que não fizesses nenhum excesso!...

• • •

O caixeiro: — Parece-me que o senhor há-de concordar que já estou há bastante tempo na sua casa, e que me deve aumentar o ordenado?
O patrão: — Concordo com a primeira parte: Já está há bastante tempo na minha casa. Por isso o despeço.

• • •

Um poeta qualquer, dá uma queda, toree um pé e vê-se obrigado a ficar de cama.
— Pobre rapaz! observa um colega, condoído. Como há-de êle, agora, fazer os versos?!

• • •

Numa sala:

— Já não há quem veja o seu amigo Pe-reira. Que é feito dêle?
— Está para casar, dentro em pouco, e passa todo o tempo de que dispõe, em casa dos pais da noiva.
— Prisão preventiva, talvez!

• • •

Entre duas mãos:

— Como está a tua pequenita?
— Perfeitamente. Já tem ano e meio, principia a falar e chama imbecil ao pai, como uma mulher já feita!

PROBLEMA DE XADREZ

		D									
			B	P	P	P					
					R					R	
			T								
					C						

As brancas jogam e dão mate em 2 lances.
(Este problema é de Einar Knudsen, de Vindernup)

A CARTA DE JOGAR E A MOEDA

Se se puzer uma carta de jogar em equilibrio sobre a ponta dum dedo e se lhe colocar em cima uma moeda, da maneira que se vê no desenho, parece ser coisa impossível atirar fóra a carta com um piparote sem a moeda cair, e todavia, é simplicíssimo se se der bem o piparote na borda da carta.
Alguns ensaios bastam para se praticar este exercício às mil maravilhas.



QUEBRA-CABEÇAS
(Solução)



PENSAMENTOS

A mulher é o defeito mais belo da natureza.
Millon.
• • •
F Deus fez a mulher, e descansou.
M. homel.
• • •
A mulher é um ente de cabelo comprido e de entendimento curto.
Schopenhauer.
• • •
Não ha nada que sobreleve a eloquência duma mulher apaixonada.
La Harpe.
• • •
O coração humano é um tecido que se rasga com facilidade, mas que se concerta ainda mais depressa.
A. Dumas Filho.
• • •
Há um prazer maior do que satisfazer as suas paixões: é vencê-l-as.
Chateaubriand.
• • •
Desejar o impossível faz muitas vezes perder o possível.
Camilo Castelo Branco.

UM LIVRO NOTÁVEL que pelo seu valor incontestavel está fazendo grande sensação

Arte de prolongar a mocidade e a vida

PELO *Dr. A. LORAND*

Médico em Carlsbad—Sócio correspondente das Academias de Medicina de Madrid e Sevilha

Tradução do Dr. JOSÉ BACELAR, MÉDICO

Obra publicada na Alemanha, Inglaterra, Hungria, Checoslovaquia, Espanha, Dinamarca, Holanda, Estados Unidos, Italia, Suecia, França

INDICE:

CAPITULO I—Relação das glandulas vasculares sanguineas com a velhice

I. A velhice precoce é devida a alterações das glandulas vasculares sanguineas: glandula tiroideá, glandulas genitais.—II. Influencia das glandulas sanguineas sobre o sistema nervoso.—III. Factores que concorrem para alimentar os tecidos e compor o nosso aspecto exterior.—IV. Relação das glandulas vasculares sanguineas com a hereditariedade e a longevidade.

CAPITULO II—A velhice

I. Causas da velhice.—II. Generalidades sobre a maneira de afastar e de tratar a velhice.

CAPITULO III—Desintoxicação do organismo

I. Generalidades sobre a destruição e a eliminação das substancias toxicas.—II. A actividade tiroideá sustentada por uma hygiene bem compreendida.—III. Hygiene do figado.—IV. Modos de evitar as influencias que prejudicam as capsulas supra-renais. Causas e tratamento de arterioesclorose.—V. Causas e tratamento da prisão de ventre cronica.—VI. Hygiene do intestino.—VII. Causas e profilaxia da apendicite.—VIII. Causas das doenças dos rins e maneira de evitá-las.—IX. Eliminação das substancias toxicas pela pele.

CAPITULO IV—Hygiene da pele e dos rins

I. Algumas notas sobre a hygiene da pele.—II. Maneira racional de vestir.—III. Os banhos—IV. Meios de provocar o suor.—V. Algumas considerações sobre os pés frios.

CAPITULO V—Ar, luz e movimento

I. Desportos e exercicios fisicos.—II. Acção terapeutica da luz solar. III. A vida ao ar livre.—A ginastica respiratoria.—IV. Perigo da permanencia nas casas fechadas.—V. O aquecimento higienico e aquele que não é higienico.

CAPITULO VI—Hygiene alimentar

I. Algumas considerações sobre a hygiene alimentar.—II. Alimentação carnea. Suas vantagens e seus perigos.—III. Hidratos de carbono

e gorduras. Utilidade dos legumes e das frutas.—IV. O abuso da carne é prejudicial.—V. Vantagens duma alimentação lactea abundante.—VI. Vantagens e inconvenientes dum regimen vegetariano exclusivo.—VII. Excitantes do appetite. Vantagens duma boa mastigação.—VIII. Vantagens e inconvenientes do alcool.—IX. Causas do alcoolismo. Maneira de fugir a êle.

CAPITULO VII—O sono

I. O sono e as suas funções anti-toxicas.—II. Hygiene do sono.—III. Tratamento racional da sonolencia e da insomia.

CAPITULO VIII—A vida sexual

I. Influencia das glandulas sexuais sobre a vitalidade e a longevidade.—II. Hygiene sexual. Perigos da superactividade ou da abstinencia sexual completa.—III. Vantagens do matrimonio.

CAPITULO IX—Hygiene do espirito

I. A velhice é muitas vezes consequencia das agitações da alma.—II. Algumas reflexões sobre a maneira de evitar e de tratar a má disposição, os desgostos e a angustia.—III. Vantagens higienicas do espirito religioso.—IV. A doença não é mais de que a expressão das tentativas de cura da natureza.—V. Conselhos higienicos áqueles que se dedicam a um trabalho intelectual intenso.

CAPITULO X—Tratamento da velhice

I. Tratamento medico da velhice.—II. Profilaxia e tratamento da velhice por meio da organoterapia.—III. Tratamento da velhice pelos raios ultra-violetas, do sol natural ou do sol artificial.—IV. Emprego do sangue como alimento ferruginoso e como alimento organoterapico.

CAPITULO XI

Como guardar um aspecto juvenil.

CAPITULO XII

Os doze mandamentos da longevidade.

O MAIS COMPLETO EXITO—O MAIS PALPITANTE ASSUNTO

I volume de 244 páginas Esc. 10\$00
Pelo correio á cobrança Esc. 11\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Grande sucesso literário

2.ª EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 268 págs., brochado 10\$00
encadernado 14\$00

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

À venda a 3.ª edição

ANTEU

POEMA DRAMÁTICO

— POR —

JOÃO DE BARROS

1 volume brochado 8\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O genial romance de guerra

Os Grilhetas do Kaiser

por THEODORE PLIVIER

marinheiro alemão durante a Grande Guerra no Mar

Um brutal quadro realista que é a mais bela obra da literatura alemã dos nossos dias. **A batalha da Jutlandia** e os seus horrores, visto por um marujo russo

1 vol. broc. com 260 págs. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

ÊXITO FORMIDÁVEL

Um livro que interessa a todos

Arte de enriquecer

Tradução de AGOSTINHO FORTES

Um livro que pode dar um modo de vida ou preparar a fortuna

2.ª edição, 276 págs., br. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Manuel de Sousa Pinto

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O CARICATURISTA



DESENHOS ESCOLHIDOS
POR

MANUEL GUSTAVO
BORDALLO PINHEIRO

1 vol. fol. Edição de luxo, com 90 grandes ilustrações de Bordallo Pinheiro, reproduzidas pela photogravura, além d'outras inseridas no texto. Impressão a preto e cores sobre papel couché.

Cart. 40\$00; br. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 paginas } brochado 10\$00
 } encadernado 14\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

A' venda a 9.^a edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através deste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».

—Julio Dantas.

1 vol. de 276 pags., brochado

10\$00

Encadernado **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

A' venda a 3.^a edição

A batalha sem fim

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol de 308 pags., brochado . . . **12\$00**

Encadernado **16\$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

À venda a 3.^a edição

PÁGINAS DE SANGUE

por **SOUSA COSTA**

Brandões, Marçais & C.^a

Com uma carta zincografada de **JOÃO BRANDÃO**

SUMARIO

O Terror Negro.—A Beira miguelista.—A queima da pólvora.—O Terror Vermelho.—Manuel Brandão-o-Velho.—Convénio de Gavinhos.—A Guerrilha dos «Garranos».—O «Boi de Coja».—Figos coroados.—As murças dos senhores cónegos.—O «Russo».—O forte de S. Paio.—Montaria aos «Garranos».—O cura de Fajão.—O abade de Guardão.—Na feira dos Carvalhais.—Os lobos no fojo.—O Espadagão.—Terror cabralista.—João Brandão.—O juiz de Midões.—Batalhão de S. João das Areias em Viseu.—A guerrilha dos Marçais.—Assalto à Pesqueira.—Tragedia ao sol do Senhor.—A sentença de Apocalipse.—O Ferreiro da Várzea.—Morra Spartaco.—Peregrinação a Viseu.—As feiras de Pinhel.—Ódio velho.—As endoenças de Avó.—Padre Portugal.—A cabeça do Holofernes.—A Beira de hoje.—Carta de João Brandão.—Reprodução da carta anterior.—Nota final.

1 volume de 266 pags., brochado **10\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos á **S. E. PORTUGAL-BRASIL**

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

A' VENDA A 3.^a EDIÇÃO

DO

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCÇÕES

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«TOLEDO é um livro que se lê de-pressa e se relê de-vagar.»

AUBREY BELL.

1 vol. de 262 pag., brochado **10\$00**

encadernado **14\$00**



Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante

TRADUÇÃO DE

Dr.^a Sára Benoliel

E

Dr. Edmundo Adler

Com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire**
e com a colaboração
do **Dr. Heitor da Fonseca**

Um formosissimo vol. ilustrado **6\$00**



DEPOSITÁRIA

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

ÚLTIMA NOVIDADE LITERÁRIA

O livro duma das mais distintas
— escritoras portuguesas —

CLARINHA

CARTAS À PRIMA

1 vol. de 228 páginas, brochado 10\$00
encadernado 14\$00



Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
L I S B O A

DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA



1 volume encad. com 351 págs.
25\$00



Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 págs., encadernado
30\$00

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75
LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00 15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SECULO XVIII — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5. ^a edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que eu lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que eu lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00 8\$00
ARTE DE AMAR — (2. ^a ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	10\$00
CARTAS DE LONDRES — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	8\$00 8\$00
COMO ELAS AMAM — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00 8\$00
CONTOS — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2. ^a edição), Enc. 13\$00; br.	1\$50 8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSAO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	8\$00
ELES E ELAS — (4. ^a ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	12\$00
ESPADAS E ROSAS — (5. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	10\$00
ETERNO FEMININO — (1. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	8\$00
EVA — (1. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	12\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	10\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2. ^a edição), 1 volume Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6. ^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PATRIA PORTUGUESA — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
ALTA RODA — (1. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00

POESIA

NADA — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5. ^a edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2. ^a edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRAO DE FIGUEIROA — (5. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOAO TENORIO — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5. ^a edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3. ^a edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — 2. ^a edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISSICAO — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3. ^a edição), 1 vol. br.	5\$00
SOROR MARIANA — (4. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERAO NAS LARANJEIRAS — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL • BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

Saiu o tomo 36 completando o 3.^o e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século xviii. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.^o com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.^o com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.^o com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitui um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00
" " " " carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



P. B. X. para serviço de Bancos, Escritórios
comerciais, Empresas, Jornais, etc., pedidos
à **COMPANHIA DOS TELEFONES**

Peça o livro
gratis

E porque não?

A Companhia tambem fornece empregadas para o manejo dos mesmos...

Escreva à

THE ANGLO PORTUGUESE TELEPHONE C.º L.º

Rua Nova da Trindade, 43 — LISBOA